Ana Regina Nogueira

POR QUE NINGUÉM ME DISSE ISSO ANTES?

Segredos de gente, bichos, plantas e pedras

IRDIN

POR QUE NINGUÉM ME DISSE ISSO ANTES?

Segredos de gente, bichos, plantas e pedras

Ana Regina Nogueira

POR QUE NINGUÉM ME DISSE ISSO ANTES?

Segredos de gente, bichos, plantas e pedras

IRDIN

Meu livro é o mundo de todas as coisas criadas. Quando desejo ler as palavras de Deus, encontro-o aberto diante de mim.

Santo Antão, o pai dos eremitas

Copyright © 2016 Ana Regina Nogueira da Costa

Irdin é uma editora sem fins lucrativos

Projeto gráfico
Cláudio Rocha
Fotografias
Ana Regina Nogueira
Revisão e diagramação
Equipe de voluntários da Associação Irdin Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Nogueira da Costa, Ana Regina
Por que ninguém me disse isso antes: segredos de gente, bichos, plantas e pedras / Ana Regina Nogueira — Carmo da Cachoeira: Irdin, 2016

157p. : il..

ISBN 978-85-60835-84-3

1. Crônicas. 2. Natureza. 3. Espiritualidade. 4. Reinos. I.Título

CDD: B869.3

Direitos reservados

ASSOCIAÇÃO IRDIN EDITORA
Cx. Postal 2, Carmo da Cachoeira, MG, Brasil, CEP 372225-000
Tel: (55 35) 3225-2252 — Fax: (55 35) 3225-2616
www.irdin.org.br

ÍNDICE

9 Apresentação
11 Quatro passos e o título
15 O livro informe no tempo das laranjeiras
21 Um conto-ave
23 De mochila, sem destino
31 Um templo para aves
39 A Mãe Universal dos Reinos
49 Enigmas flutuam em brisas
59 Assassinato doméstico
63 Contemplar folhas
69 Comocionados
77 Semear como passarinho ou morcego
85 O chamado das montanhas
89 Vendaval do deserto sem oásis
91 A imperatriz do jardim
99 Ter a farmácia natural nas mãos
109 Perdoai-lhes, eles não sabem o que comem
119 A casa dos 14 gatos
129 Três janelas para três montanhas
135 Águas clamam: salve-nos!
145 Fale Comigo

Apresentação

Esta é uma obra que nos sugere unidade. Não somente unidade de almas, mas também de mães, aves, montanhas, vendavais, desertos, jardins, águas, templos – unidade dentro da Criação.

No livro os animais preparam-se para se tornar pessoas, as pessoas preparam-se para se tornar almas conscientes do seu papel na vida, e as almas preparam-se para amar incondicionalmente a Natureza, agredida de forma muito intensa neste planeta.

A autora deste íntimo documento, que é uma espécie de confissão, prepara-se para unir-se com Algo delicadamente mostrado no capítulo final.

Se o leitor observar com neutralidade as imagens fotográficas e as palavras tão simples, quem sabe ouviria algum som interior, dentro do próprio ser, voz que o chamaria para uma misteriosa experiência em seu destino.

Mas o segredo de tudo estaria na unidade, porque as histórias aqui mostradas, algumas instigantes, procuram quase sempre sugerir que

o Bem não é divisão. Textos e fotos, pensamentos e impulsos harmonizam-se amorosamente e nos oferecem um pequeno painel que nos leva a uma aproximação com a paz.

Amamos a paz, buscamos a paz, mas... como vivê-la? Esse é um desafiante segredo.

Trigueirinho

Quatro passos e o título

Temos tantos livros, mas somos
quase analfabetos na leitura da vida.

Dei quatro passos, a cabeça baixa, perplexa. Havia muita luz e uma brisa mansa na manhã de domingo em que Trigueirinho me ligou. Em meio à conversa, encomendou-me um livro de crônicas sobre a natureza, pois as almas estão precisando despertar, e devemos ajudá-las: *Coloque-as no papel de forma bem espontânea. Faça isso pelos reinos. Anime pessoas e professores a trabalhar as almas adormecidas. Vá escrevendo. Quando menos perceber, o livro estará pronto.*

Desliguei o telefone com o convite a ressoar pelo ser. Dei quatro passos cegos. Saberei escrever mais este livro? Saberei entoar de maneira leve e simples? O reino das palavras é um fiel companheiro de vida, porém desconheço regras gramaticais... *Escreva um livro...* Em resposta, uma frase-relâmpago pousou como uma ave na minha tela mental: *Por que ninguém me disse isso antes?* A reflexão é de uma menininha de Fortaleza. Um dia após assistir a minha palestra sobre o amor aos animais, chegou voando com amiguinhas quando eu entrava no prédio onde me hospedei. Desceu

da bicicleta, muitíssimo séria. Olhou-me firme e lançou a pergunta urgente. Não concebia por que lhe fora negado conhecer antes o que tinha o direito de saber. Sua indagação seria o nome do livro? De um capítulo? Sem dúvida, aponta a falta de notícias sobre a verdade, ocultada pela publicidade e por interesses políticos, econômicos, educacionais. Era o farol aceso para a narrativa, pois a frase-relâmpago indicava que assim aconteceria daí em diante: a alma a lançar faíscas, a mente a registrá-las e organizá-las, os dedos obedientes escrevendo no papel para, depois, digitar.

Tudo fala ao redor, ora com vozes humanas e animais, ora por meio do silêncio ou de outras linguagens secretas: a atmosfera, o olhar do cão, as nuvens, a árvore que tomba, uma mineradora de ferro. Ser guiada pela alma que me habita, obedecer, nada temer, ter fé e, sobre todas as coisas, amar o Amado: são leis universais que me conduzem.

Fiz-me disponível e atenta para ser instruída por sussurros fugazes derramados pela intuição na mente. Sons cristalinos surgem de canais inusitados, e jamais se repetem. Que os ouvidos, a vista, o olfato e o coração estejam atentos para a escrita fluir.

Respostas emergem de um diálogo ouvido em um elevador, ou da natureza, que palpita. Livros respondem: conectada ao invisível, percorro a biblioteca com os olhos, vejo qual pegar, em que página abrir. Dali salta a palavra exata, o pensamento inspirador. Fatos instigantes passam a ser

revelados por conhecidos ou desconhecidos. Sentam-se a meu lado e segredam: *Preciso contar-lhe sobre um ipê dourado...*

Sim, aceito. Escreverei crônicas e histórias para a menininha da bicicleta e para almas como a dela, que anseiam por paz e por se aproximarem dos níveis mais internos da vida.

Por que ninguém me disse isso antes? examina casos particulares e cotidianos, desvela circunstâncias concretas através da aplicação consciente de princípios espirituais, fala da esperança, da pureza, das horas breves, de dilemas nascidos da luta entre as leis universais da sabedoria e a loucura do mundo, que não nos agrada.

Gravei conversas com membros de grupos altruístas de oito diferentes estados brasileiros, concentrados na essência do que tocam e fazem. Encantei-me com todas e lhes agradeço a sensibilidade e a oferta das observações e vivências para o livro.

Agradeço a Trigueirinho por ter percebido que escrever pode ser uma tarefa minha, que apenas aguardava o momento de se manifestar nesta encarnação. Ofertou-me a alegria de lançar letrinhas no papel, assim como se lançam sementes na terra.

Sem jamais esquecer, infinitamente agradeço a Mãe Maria, a maior inspiradora, e a Seus incansáveis anjos que trabalham para a Criação. Agradeço também a Cristo, que Se manifestou surpreendentemente por meio do relato que ins-

pirou o capítulo de encerramento. A Eles oferto estes escritos informais e livres, colhidos também da memória, de contemplações e de exames da vida delicada ou dura que, de tudo, transborda.

O livro informe no tempo das laranjeiras

Nuvens tropicais, raios, trovões, tormentas obscurecem o céu; o horizonte está encoberto por uma cortina de névoas e chuva. Salpicada da atmosfera úmida, escrevo algo aqui, algo acolá. Tateio, até chegar ao ponto de tensão. É hora de desembaraçar os fios emaranhados do novelo das falas e das memórias, criar uma estrutura escrita. Durmo. Desperto de nem sei que sonhos de chumbo. Olhos pesados do corpo inerte se alongam, devagar, até reconhecer a lombada descascada do surrado livro de cabeceira, o velho amigo chinês I Ching, companhia de 40 anos. Estendo a mão pedindo-lhe ajuda. Preciso de palavras místicas para recompor a esperança e reavivar a fé.

Tomo-o com delicadeza e o abraço ao coração enquanto dirijo uma pergunta precisa à sua essência. Lanço três moedas sobre a cama. Do significado dos hexagramas compreendo melhor o passado, desenlaço o presente e sorrio para o futuro do livro que começo a escrever. O I Ching é assim: por vezes o compreendemos de imediato, por vezes em nada clareia a dúvida, mas

de súbito ele nos insere no cotidiano simples da vida eterna e oferece alento a nossos pequeninos corações, levando-nos ao seio da grandeza do Cosmos. O I Ching me guia: para os textos nascerem, primeiro o pensamento precisa desposar o coração para, unidos, percorrerem da profundeza do mar ao cume de montanhas. Sem repouso, ler, ouvir, pesquisar, entrevistar, refletir. Em exame íntimo, aguardar o tempo da frutificação para, depois, escrever sobre o concreto que contempla o abstrato. Estar atenta ao fluxo que ora jorra, ora pinga as ideias que povoam o espírito.

Onde habitam as ideias? Chegam flutuando e sobrevoam a cabeça antes de brotar na mente. De joelhos diante da Mãe, invoco-A. Com a testa no solo diante do Cristo, peço-Lhes: *Conduzam-me entre as palavras*. A serviço da Luz, em meio a papéis e *laptop*, os escritos vão sendo liberados e organizados.

Tudo irradia mistérios. Quando a semente (o livro a escrever) me foi entregue, enterrei-a em sua morada, o obscuro solo do meu ser. Uma semente se alegra ao retornar ao lar. Em contato com a mãe-terra, o imaterial a reanima, e o céu luminoso, que em tudo habita, a ressuscita. Ao comungar com água e com terra, a vida secreta da semente é ativada, descobre a força para sustentar e nutrir a planta, germina, dispensa a casca. Oculta entre micro-organismos, húmus e terra, expande o sistema radicular e mergulha as raízes em direção ao centro do mundo. Ao

mesmo tempo, lança uma firme linha verde em busca do ar, do céu. A haste vertical se dirige ao alto, engrossa, vira tronco, expande-se em galhos, onde aves pousam e gorjeiam para folhas bêbadas da luz do sol. As flores se perfumam para as abelhas, os frutos se doam.

As etapas acontecem no momento cíclico, precisas como um dia foram as estações do ano. As plantas têm emoções, conversam entre si, sentem, transmitem o que sentem, observam-nos. Seu mistério e sua magia fazem o livro germinar, crescer e florescer sobre o papel, como uma laranjeira. Assim foi o nascimento destes capítulos, que se entregam aos leitores como laranjas maduras. Por dezenas de anos, colhi fotografias até, madura, soltar palavras que falam do que a maioria não fala, nem vê, nem observa. Entreguei as palavras à verdade.

Um conto-ave

Eu queria escrever um conto-ave que voasse entre nuvens dos quatro cantos do mundo, vendo lá embaixo gente feliz, sem maldade.

Eu queria que o conto-ave se enraizasse em cada vila e cidade e fosse ponte para as estrelas.

Ah, como eu queria escrever um conto-ave tão celestial que, quando as nuvens por onde passasse chovessem em praias, ilhas e florestas, todos fossem atingidos por felicidade tal que jamais parassem de soprá-la em cada peixe, flor, em cada conchinha e pedreira.

O ano inteiro o conto abençoaria os homens, rompendo cada dia com aleluias. Então, o Menino Jesus poderia brincar com toda criancinha, porque não haveria mais fronteiras. E cresceria alegre entre nós, sem dor, porque já não haveria caos, nem um mortal para feri-Lo.

Tudo porque o conto-ave ajudaria a fazer de todos um povo só, o que levaria Deus a pensar: *Valeu a pena criar esta raça*. E dia após dia, indo e voltando do trabalho, qualquer um a seu jeito veria o Céu brilhar em glória. Ah, como eu queria...

De mochila, sem destino

Vinda de uma estrela distante, o sol tombou e o rio brilhou 40 anos antes de ela reconhecer seu lar da Terra. Agora sabe que buscava a Luz oculta no próprio coração, e seu destemor peregrina para o profundo de si.

Ela não diz palavras supérfluas, mas pôs em ação a busca de porquês para salvar o sentido da vida e receber achegos de brisas do Nepal e das areias do Afeganistão. Iniciou a longa jornada nos anos 70. Atraída pelo desconhecido, ajustou uma mochila nas costas e atravessou o céu do Atlântico para o hemisfério norte. Apenas ia, com todo o tempo do mundo, sem tempo de volta, mergulhada em outro tempo. Com o ardor da fé, ora seguia rumo ao leste, ora rumo ao oeste. Caminhava para o sol orientada por auroras e poentes. A pé, de avião, carona, ônibus, trens e carros, seguia, sem saber, segredos metafísicos. Tocou dois.

Levada pelo *Avante*!, a cada dia partia, a cada dia chegava. À noite, descalçava as botas antes de entrar no saco de dormir. Apenas raiava a aurora

rubra e fresca, corria os olhos pelo cenário em torno, as pupilas a registrar a viagem intercontinental, e reenlaçava as longas cordas do calçado.

Sem lar, pé aqui, pé adiante, percorreu terras longínquas. Suas pegadas ainda podem ser encontradas em ruas, praças e mercados entre França e Polônia, Tchecoslováquia e Bulgária, Síria e Índia, entre Japão e Havaí, Estados Unidos e México. As rotas imprimiram algo nela, e algo ficou impresso em seus caminhos. Na Europa, treinou para alçar voos mais amplos, muito viajando, muito trabalhando para ajuntar dinheiro e avançar.

A aventura atraía sua alma para o Oriente, como a milhares de jovens, uns atrás do exótico, outros poucos atrás de drogas. Todos buscavam algo, mas alguns se perderam e nunca retornaram. Desapareciam. Em fronteiras, via cartazes colocados por suas famílias: *Procura-se*.

Muitos jovens da época não mais queriam abraçar as regras de ouro do mundo materialista e tecnológico onde nasceram. Na França houvera a revolução cultural. Do Brasil, durante a ditadura militar, tanto partiram jovens fugindo do regime, quanto outros que não acreditavam em lutas ideológicas. Céticos com regimes políticos, buscavam religar-se com Deus, almejavam o céu para estar com astros.

Por terra, ela cruzou o Oriente Médio até o Nepal, a Coreia, a Tailândia. Em Istambul, entrou em uma mesquita, sem saber ser proibido a

mulheres e, expulsa, passou a conhecer a cultura masculina de países muçulmanos. Da Turquia prosseguiu por paisagens cada vez mais desérticas e sem povoações, observando as mulheres cobertas de preto, que são propriedade dos pais e dos maridos. Reclusas, elas não viajavam. Apenas em Kabul, capital do Afeganistão, encontrou uma elite feminina inconformada, que havia estudado e ousava sair de casa com o rosto descoberto, pois não queriam mais viver ocultas pelo tecido caindo da cabeça aos pés com uma rede em frente aos olhos. Chegou ao Irã pouco antes da queda do Xá e se chocou com as limusines reluzentes a desfilar entre as misérias do povo de Teerã.

Guardava o que possuía em sua mochila de sete quilos. Era um tempo menos perigoso para experiências pessoais no entra e sai das fronteiras, mas logo entendeu ser a máquina fotográfica o seu escudo em situações ameaçadoras. Sim, era destemida, mas não afoita. Com habilidade, avançou por momentos agrestes de medo. Quando homens atrevidos a abordavam, escondia seu temor levando a câmera aos olhos e, com prudência e gentileza imperturbável, clicava. Descobriu que, sobretudo os homens mulçumanos, temiam ser registrados. A fotografia a protegia, foi uma espada e tábua de salvação; tanto solucionava situações de apreensão, quanto a ajudava a se aproximar do povo.

Não achou mar de rosas no trajeto, mas como não pretendia colher frutos, nem se envolver

com nada ou conquistar coisa alguma nem ninguém, sempre surgiam novas e boas companhias. Diz ela: *Eu não traçava os caminhos. Não planejei nada. Alguém contava algo, me interessava e seguia para aquele trecho.*

Sentiu o frio, o calor e a monotonia da travessia de ônibus pelo deserto, apenas interrompida por grupos de nômades com camelos. Sem bússola, os dias, as personagens, a natureza árida com vegetação cinza, as maneiras de ver e louvar a Deus se multiplicavam. Em certas horas, cinco vezes por dia, o sagrado os parava onde estivessem. Desciam do ônibus, estiravam os tapetes sobre a areia, ajoelhavam-se olhando para o sol, e rezavam.

Era a intrusa, a única mulher, algo curioso e raro viajando entre eles. Então, que ela se adaptasse! A água era pouca e longos os dias sem tomar banho. Sem mesa, banco ou talher, comiam no mesmo prato assentados no chão. Terminada a refeição, os afegãos passavam a mão engordurada no rosto para o proteger do frio e do ar seco do deserto. Assim, com seres tão diferentes, foi aprendendo lições de fraternidade. Ela reflete: *Não sei por que fiz tantas viagens, mas fui me abrindo, principalmente no Nepal. Entrando e saindo de várias culturas aprendi a me desapegar. Outra coisa aprendi: a não levar bagagem, sobretudo a cultural. Encontrei muitos andarilhos que sofreram por isso, entravam em conflito. Temos de aceitar os valores de cada país.*

Ela perseverou até a Índia, país onde milhões de pessoas vivem sem provar nenhuma espécie de carne há milhares de anos. De cidade em cidade, encantada com a arquitetura do império mongol e com as mulheres de sáris coloridos, braceletes, olhos pintados, brincos, longos cabelos repartidos ao meio, era especialmente atraída pelos locais sagrados. Dormiu no templo de ouro em uma ilha no centro de um lago, onde monges acolhem peregrinos. Visitou a cidade dos 1.500 templos, a mais mística do país, situada às margens do rio Ganges, onde devotos participam de extraordinárias cerimônias religiosas e banham-se em suas águas para purificarem-se. Ali, deitada de coração tranquilo aos pés de uma imagem de Buda, se perguntava por que fazia uma vida assim, sem destino. Recebeu uma resposta imediata. Um velhinho a abordou para responder à indagação mental: *Você é uma boneca de sal. Aquilo que busca está no fundo do mar.* E se foi.

Quando um francês de longas pernas a incitou a fazer um *tracking* no Nepal, atravessou sozinha e a pé uma trilha estreita entre cadeias de montanhas lendárias do Himalaia. Entre sobes e desces, ainda próximo do vale arborizado de Katmandu, cruzava com campesinos sorridentes que sempre se saudavam dizendo *Namastê*, o que significa: *A minha alma reverencia a sua*. Mas os encontros escassearam durante a marcha interminável. Ela e Deus transpuseram ou contornaram obstáculos

até atingir 5.800 metros de altitude. Ora ria, ora chorava, ora chorava e ria das tremendas dificuldades. Transpunha rios e lagos com água à altura do peito e a mochila na cabeça. Ao cruzar longas pontes instáveis oscilando sobre cachoeiras e abismos, apertava os corrimões de cordas para, pelo piso, saltar troncos bem afastados um do outro. Avançava com esforço, sem parar, pois antes do anoitecer precisava alcançar alguma pequena vila onde saboreava um prato de arroz, creme de lentilhas, ensopado de legumes. Ali, à beira da fogueira, sentia-se suspensa aos céus, os olhos deslizando pelo espaço infinito habitado por estrelas.

As cordilheiras nevadas à distância e o esplendor da criação foram-lhe ensinando a comungar com a natureza e a transcender as bolhas dos pés e os músculos queimando... até o dia inesquecível, de mistério. Exausta, os passos beiravam um precipício quando ouviu o estrondo de uma cachoeira. Ela conta: *De súbito me vi na água cristalina, que se transmutou em luz branca me chamando. Fui entrando, dissolvendo-me na luz que me atraia, ia, ia para a luz... até... ser empurrada, e ainda vi uma pessoa nepalesca a me olhar aterrorizada. Em um instante vertiginoso estava assentada do outro lado do rio, sobre uma pedra, tremendo. Houve um lapso de tempo. Notei que um senhor descia com um burrinho carregado de lenha. Nada entendi. Anos depois, um vidente intuiu que eu quase desencarnara então. Eu sei o que é a luz*

branca, a pureza. Eu a vi. Um lapso de tempo... não sei o que acontece neste outro tempo, o tempo real. Disfarçada daquele camponês, a Providência Divina lhe aparecera de forma espantosa para salvá-la, levando-a para um local seguro. E sua alma agradeceu.

Antes de prosseguir, escreveu um parêntese de um mês em uma ilha semidesértica do mar Adriático. Morou na areia, nadou no oceano. Aprendeu a se fazer sem passado nem futuro, enquanto, por horas a fio, contemplava o mar e o céu meditando de olhos abertos ou fechados. Fitava o impossível? Queria contar as flores da primavera?

Hoje, no Oriente Médio, é impossível fazer uma viagem dessas. A maldade, o medo, a morte e a guerra o dominam em parte.

No dia 20 de janeiro de 2016, São José, em uma mensagem à vidente Irmã Lucía, clareia-nos sobre o que, em verdade, lá acontece: *O inimigo tenta enfraquecer as diferentes religiões do Oriente Médio e mistura interesses econômicos e de poder com conflitos religiosos.*

Décadas se passaram antes de ela substituir o ardor das viagens pelo despertar para experiências de vida grupal. Fora urgente dar tantos passos para, suavemente, ir treinando alinhar as emoções e a mente com o propósito da alma. Pouco a pouco se aproximou de outros buscadores e agora se expressa pelo serviço criativo aos

reinos da natureza, isento de ganhos materiais. Porém, os anseios peregrinos não terminaram. A jornada prossegue e se lança à vida interna. Fica quietinha, viajando para dentro, para o seu lar.

Um templo para as aves

Prefere o ar livre, desde sempre. Manhãs e manhãs, após finalizar disciplinadas posturas de ioga no quintal, entre folhagens e frutíferas viçosas, permanecia deitada sem pensamento, em silêncio e comunhão com a vida. Visualizava sobre si uma pirâmide violeta, em cujo ápice brilhava uma luz branca. Sentia-se diluir mais e mais a cada respiração, e a energia pura gerada imprimia paz no éter do ambiente, absorvida pelos devas, solo e plantas, até... a surpresa do primeiro acercamento. Cativado pela luz da contemplativa, um beija-flor veio beijá-la. Pairou junto a sua orelha zunindo fruuu-fruuuu com as asas. Imóvel no ar, tocou-a com o bico fininho, desenhou um oito aéreo e deu uma marcha a ré rapidíssima. Beija-flores enxergam muito bem e, em geral, visitam flores tubulosas de cores vivas, com tonalidades variando do vermelho ao alaranjado. A melíflua orelha não podia ser chamada de tubular e era rosada, mas doce como o mel. Teria sido confundida com uma flor? O pequenino viera extrair-lhe néctar ou fora enviado como embaixador do

jardim para homenageá-la, em gratidão? O ritual permitiu sua entrada no reino dos pássaros.

Ela fora uma criancinha mariana, que preferia brincar sozinha à sombra de pés de café e laranjeiras, descobrir e inventar minúcias naturais. Um dia perguntou ao pai como passarinhos nascem. *Nascem das peninhas*, ouviu-o dizer. Convicta, passou a encher ninhos com peninhas catadas pelo quintal, forma infantil de participar da criação, e nada de passarinho nascer. Depois, a mãe contou-lhe a história de certa escultura de Maria, que sem ninguém a levar de volta retornou para o mesmo local de onde fora retirada no dia anterior. O milagre sinalizara aos homens construírem ali uma capela, que veio a atrair tantos devotos e peregrinos até, por fim, elevarem uma catedral. A menininha sonhava ver uma capelinha em seu refúgio. Dia após dia tentava. Fazia reverentes procissões levando a escultura de Nossa Senhora de Fátima do altar da mãe para a sombra das árvores, onde a deixava passar o dia até, à noitinha, trazê-la de volta para a cômoda da mãe, junto ao vaso de flores e a uma vela sempre acesa. Mal acordava, corria entre aromas matinais para constatar se o milagre ocorrera em seu esconderijo secreto. E nada.

A vida foi se desenrolando, e ela a adquirir virtudes enquanto contemplava aves e montanhas, companhias que a plenificavam. Paciente, não se abalou ao morar por anos em apartamentos de bairros populosos da metrópole e, assim,

ter de trocar a companhia de cumes montanhosos por contatos feitos das janelas, em noites sem nuvens, com raras estrelas cintilantes.

Certa vez, seu coração maternal vibrou de modo tão intenso e explosivo que ela lançou uma pergunta ao Alto: *O que é isto?* E captou o significado através de vocábulos não terrenos, aqui traduzidos: *As aves sentem esta mesma sensação de amor antes de louvar a Deus. Primeiro seus corações se expandem de tal forma, como aconteceu com o seu, que as impulsiona a liberar cantos em glória ao Divino.*

Quando ela e o marido entoam mantras e músicas sagradas, plasmam símbolos sutis nos éteres, assim como as aves. Conforme a alma os permeia, emanam qualidades amorosas retribuídas por aves que visitam a família, mesmo durante as refeições. Beija-flores confiantes sobrevoam a mesa de jantar, dançam, giram e se vão alegres. Antes de construir a própria casa, um joão-de-barro sem pressa caminhou pelos tapetes para estudar ângulos dos cômodos, inspirar-se, como a anotar ideias arquitetônicas. É como se estivessem nascendo aves das peninhas deixadas por ela em ninhos, na infância.

Uma vez, ela andava pela praça e um daqueles pombos urbanos cinzentos habituados à multidão veio se embolar em suas pernas. Pedia socorro. Cães e mais cães só pararam de persegui-lo quando ela o tomou ao colo. Nisso, percebeu ter sido mordido e levou-o para tratar. Depois de molhar a cabecinha com água e passar pomada

na ferida, colocou-o no parapeito do alpendre. As asas subiram, o pombo levantou voo sobre a cidade lá embaixo, fez uma curva oblíqua e desapareceu detrás de um ipê-roxo.

Navegava, uma tarde, entre mistérios de um poema de Sri Aurobindo, quando se levantou para beber água. No trajeto para a cozinha ouviu algo sem palavras: *Vá socorrer o beija-flor...* Pensou ser invenção da mente, deu passos, mas... *Vá abrir a porta da varanda...* Lá, um beija-flor aflito tentava dizer-lhe alguma coisa, apontar uma emergência em meio ao temporal desabando na terra. Foi pegar uma sombrinha, e a avezinha ainda mais ansiosa por talvez não estar sendo compreendida: *Calma, vou só pegar a sombrinha...* e a seguiu até presenciar dois filhotes encharcados no minúsculo ninho em um arbusto do jardim. Encaixou a sombrinha no galho acima para protegê-los da intempérie e retornou sob a chuva gélida para improvisar uma cestinha de vime cheia de algodão. Em seguida amarrou-a com um barbante azul na forquilha ao lado do ninho original, enquanto se desculpava com a mãe pela falta de destreza em prendê-lo: *Ficou feio, mas é o que consigo fazer.* A mãe o aceitou. Ela passou os tênues corpinhos úmidos para a cesta almofadada, sequinha, mas feia aos olhos. Desde então os filhotes preferiram a espaçosa suíte e nunca retornaram ao ninhozinho de fibras vegetais, folhas, teias de aranha, que ela depois enxugou com o secador de cabelo. Como a arma-

ção metálica da sombrinha deixava a mãe arredia, optou por protegê-los das águas com uma caixa de papelão envolvida em fitas plásticas.

Daí em diante, ela se tornou um membro da família de colibris. Subia uma escadinha para averiguar se no ninho tudo andava nos conformes. Zelosa, levava um a um na palma da mão para passear dentro de casa. Acompanhou-os até o tempo de voarem, a mãe beija-flor chamando-os do alto de um fio telefônico. Um, decidido, logo bateu as asinhas e, rápido, alçou voo. O outro se agarrou ao dedo dela. Não ia. As duas mães insistentes, uma a chamar do fio, e a adotiva com ele no indicador dando pequenas corridas para lá, para cá, lançando-o com delicadeza ao ar. A incansável cerimônia de iniciação prosseguiu um dia, outro, mais outro. Ela, preocupada, pois viajaria. E viajou orando para a Mãe Natureza protegê-lo de predadores. Na volta, encontrou o ninho vazio. Sorridente, imaginava as minicriaturinhas das Américas, compostas de matéria angelical, saboreando néctares de flores coloridas.

Na época, foi agraciada. Um beija-flor visitante olhou-se no espelho e depois a sobrevoou indicando que o seguisse até a janela. Admirava o voo em linha reta traçado nos ares do quintal quando... a avezinha desapareceu, sim, em frente a seus olhos se desmaterializou, passou para mundos sutis. O sonho infantil fora realizado. Seu refúgio, enfim, se tornara um templo para aves, regido por ela, como se fosse uma sacerdotisa.

A Mãe Universal dos Reinos

Incomensuráveis correntes de vida luminosa percorrem o Cosmos. Vêm de Maria, a Mãe e Fonte de Vida, que gera em Seu ventre toda a Criação. Que Obra! A vida fervilha nos átomos, dinamiza as formas, aperfeiçoa-se e evolui através de planetas, sóis e galáxias, em ciclos imensos. Em cada alga e folha, coral e pedra, rio e mar, a criatividade surpreende! Tudo muda a cada instante. A matéria pulsa, um pulsar diferente em cada reino da natureza, e vai se sutilizando para estar cada vez mais próxima do imaterial. Quantas vezes ouvimos: *somos todos um*. Sim, interligados por fios tênues, Maria nos sente como um único grande filho: os Seus amados reinos. Sendo filhos d'Ela, somos irmãos de pedras, plantas, bichos, irmãos uns dos outros, mesmo de estrelas distantes. Mas únicos, pois nada, absolutamente nada é igual ou se repete.

De incandescente ao que é hoje, passaram-se bilhões de anos para o planeta ser formado. Dizem que iniciou como uma bola de fogo, desprendeu gases e vapores, resfriou, a atmosfera

se fez, a água se fez, a chuva caiu. De água e mais água nasceram oceanos, bactérias, caracóis, estrelas-do-mar. E peixes saíram da água e se fizeram répteis, dinossauros, aves, mamíferos. O Himalaia se impôs, os Alpes, as geleiras. Assim, a formação da Terra e dos seres vivos é estudada em livros de história, que nada aprofundam sobre sua misteriosa, desconhecida e verdadeira história oculta. Passamos pela Lemúria e Atlântida. Como seres primitivos habitamos em pequenas comunidades e chegamos a viver até 600 anos. Grupos de homens, certos vegetais, como o milho e o trigo, e certos animais, como as abelhas e golfinhos, foram trazidos para a Terra de outros planetas, e mesmo de outras galáxias.

Em tempos pretéritos, quatro correntes cósmicas, chamadas reinos, foram se exteriorizando uma a uma, como matéria terrestre. O reino mineral chegou primeiro para preparar a chegada do reino vegetal que, por sua vez, se aprontou para receber o reino animal, e só muito depois o reino humano ingressou no mundo. Oh! extraordinária diversidade de formas construídas por minúsculos átomos, cada qual composto por propriedades químicas e magnéticas e, sobretudo, de imenso espaço vazio! Noventa e nove por cento, segundo a física quântica. No vazio de cada átomo habita a essência e o silêncio de Maria, o mistério de amor que interliga tudo e todos.

Cientistas penetraram no âmago do átomo em busca de seu mais ínfimo e último elemento.

Cruzaram mistérios, mas se detiveram diante de uma porta trancada, a qual a mais avançada tecnologia não abre. Passada essa porta, está a Ideia do Criador, que entrega Seu Poder a Ela, a Mãe Universal dos Reinos. Ela tudo ocupa. Ela, que não se mede nem é comprovada. Ela, que determina qual de Seus infinitos aspectos mostrar a videntes. Ela, só levemente apreendida por intuitivos. Vencidos, cientistas menos orgulhosos admitem: *Daqui em diante, Deus habita.*

Um floco de neve nunca é igual a outro. Cada qual tem uma história e um desenho únicos. Centelha de prata, cai do céu esculpido pela temperatura, pressão das nuvens e por minúsculos seres invisíveis, encantando-nos desde a antiguidade. Cada floco flutua por uma via, cai leve aqui, leve ali, na paisagem branca, alastrando alegrias em nossos corações. Sem jamais se repetir, é símbolo do que é singular.

Como um floco de neve, que à primeira vista é igual a outro mas inspecionado em microscópio não se parece com nenhum, cada átomo também é único. Em cerimônias sutilíssimas, os átomos se aglutinam em grupos por uma poderosa força de coesão, grupos ordenados geometricamente, que se aderem a outros e se inter-relacionam para criar, sob a supervisão de devas, as variadas expressões da natureza. Devas? Os devas são operários da Mãe, são os escultores invisíveis do que é visível, sejam cristais, plantas, corpos, espécies. Regem o reino elemental: gnomos, on-

dinas, salamandras e sílfides. A partir de arquétipos enviados por Ela, a Fonte da Criação, os devas plasmam moldes sutis e perfeitos, preenchidos por átomos. Assim é: devas e elementais preparam as formas e, em silêncio, a Mãe sopra vida nelas. Desse modo, cada reino, e também nós, espelhamos padrões vindos de altos planos de consciência. Na vida espiritual, tudo é hiperorganizado. Cada classe de devas trabalha para manifestar algo específico. Por exemplo: há devas que colaboram na construção de fetos, outros na de flores, outros dão cores ao pôr do sol.

Também singular é nossa essência espiritual, a chamada mônada. Antes de fazer a experiência humana, ela percorreu os reinos sub-humanos. Viveu como mineral, depois passou pelo reino vegetal, até vir a enriquecer-se ainda mais em incontáveis encarnações dentro do reino animal. Levadas por grandes ondas de vida, nossas mônadas viajaram de um reino para outro, ingressando e saindo de diferentes mundos, planetas...

Somos habitantes do Cosmos, e os reinos são nossas escolas. Após aprender o necessário em um grau de instrução, ou seja, em um reino, somos encaminhados para o seguinte. Nosso espírito foi subindo degraus evolutivos até, no final de sua vivência animal, tornar-se humano. Nesse estágio, ganhou alma individual em um ritual glorioso, durante o qual foi conduzida até nosso coração. Por isso o coração é chamado de templo interno, pois a alma nele ancora e, ainda mais

profundamente, também nossa mônada. Na condição de humanos, nossa consciência se alarga conforme treinamos servir, amar, perdoar, orar e ser uma límpida e leve ponte entre os reinos sub-humanos, anteriores ao nosso, e os reinos superiores, por onde, mais sutis e sábios, prosseguiremos nossa caminhada evolutiva.

Uma pedra não é uma pedra, como disse o poeta, definitivamente não é só uma pedra. Há, em tudo, a Presença invisível. Sob os raios do sol, por milhões de anos desde a gênese da Terra, a força das chuvas, do vento, do calor e do frio fustigou a selva de pedras, primeira paisagem planetária, até camadas dos rochedos ruírem, e a crosta terrestre ir sendo coberta de solo. Para glorificar a vida e auxiliar na sua formação, chegaram seres pioneiros, os liquens, que se instalaram em rachaduras e também desgastaram porções de pedra com seu ácido. Grãozinhos das rochas esfarinhadas cobriram a face da Terra de solos com diversos coloridos, segundo composições químicas inusitadas. Desde então, e até hoje, ingredientes terrenos, sais minerais, microrganismos, argila, areia, húmus, são modificados por poeira de esferas distantes. Plantas passaram a escolher em que tipo de terra submergir as raízes, cada vez maiores; davam sementes, flores, frutos e copas, preparando o ambiente para receber, nutrir e proteger os animais. Só muito depois chegaram os homens, criados à imagem e semelhança de Deus, segundo a Bíblia: *E formou*

o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente. Gênesis 2:7 (Gn 2,7).

Sobre o reino mineral crescem florestas, plantam-se alimentos, animais e homens caminham. É a base que sustenta casas, ruas, avenidas. Comenta uma médica: *Os minerais estão em toda matéria. Por exemplo, as células têm bombas de sódio e potássio, e o cálcio tem de estar nas células do coração para ele bater, o mesmo cálcio do giz, da cal, de várias pedras. Somos feitos de elementos da natureza, caminhamos juntos. Os pulmões se parecem com duas árvores muito ramificadas. Podemos fazer uma analogia entre as folhas e os alvéolos pulmonares: as folhas transformam raios de sol em seiva, que nutre a árvore; já os alvéolos recebem o oxigênio, que vai nutrir o corpo.*

Todavia, certos homens, apesar de esculpidos em barro, enterram lixo, envenenam águas com esgoto e agrotóxicos, abatem árvores, sacrificam florestas, deixam a terra exausta e os campos secos, impedindo o crescimento de plantas. Plásticos levam séculos para se decompor, mas escoam por rios e são vistos em ondas quebrando à beira-mar e mesmo em ventres de peixes e aves marinhas. Ao intoxicar o ambiente, os seres humanos adoecem a si mesmos, dizimam os animais, expulsam as abelhas... insanidade que um dia terminará.

O homem erra e faz o mundo sofrer. Só onde ele não entrou a natureza está como deveria estar. Como Deus permite isso? perguntam mui-

tos. Somos um planeta-laboratório onde impera a lei do livre-arbítrio, e leis não são violadas por Seres Divinos. Aqui, pode-se tudo, seja para o bom, seja para o mau uso. Minerais podem curar ou ser usados em armas destrutivas, plantas podem curar ou ser usadas como drogas. A alma começa a ser formada em certos animais, mas há os violentos que ainda precisam se amansar, e há homens que aderem à luz e os que aderem às trevas, espalhando horror na família, na vizinhança, em povos e nações. A lei do livre-arbítrio é a experiência que nos foi dada para aprendermos a discernir. Prossegue a médica: *Metais como ouro, mercúrio, prata, cobre, cromo não existem naturalmente em nosso corpo. Tanto podem reagir em remédios para curar a doença proposta, como também ser usados como veneno. Tudo na vida tem duas faces e depende da dose.*

Desde os primórdios, há um Projeto de Amor Eterno para o planeta, a ser realizado quando nos unirmos ao Divino, à Mãe. E a natureza é Seu manto. Amar e servir a natureza é o caminho para o centro do Seu coração e do nosso próprio.

Em deleite, ingressemos na intimidade verde ouvindo o silêncio do eterno agora. Quietos, com os pés no solo, comunguemos com gorjeios e com o voo da borboleta multicor, buscando néctar de flor púrpura em flor púrpura, até pousar na rosa. A brisa sopra ramagens, aquieta e retorna, aquieta e retorna para balançar ramos com vigor. Como tudo está unido, ao amar pes-

soas, bichos, plantas e pedras, pensar neles ou orar por eles, nossa consciência se alarga e contata seus sensíveis átomos, que podem receber nossas energias sutis. Quando a paz, adormecida no vazio de nossos átomos, desperta, passa a criar elos fraternos e sagrados com átomos de outros reinos, e a união entre irmãos repercute e sutiliza a malha planetária.

Tudo vibra, recebe, emite energia e traz em si o poder imaterial de Maria. Cada partícula de vida é *sui generis*, com algo em comum – o amor. E quando, após infinitas jornadas, o amor triunfar em cada partícula, alcançaremos o futuro inominável. Lá, as vibrações se calam, pois retornam à morada do absoluto silêncio de Maria.

Silêncio, misterioso silêncio que tanto deveríamos amar.

Enigmas flutuam em brisas

Pousam nesta narrativa, como trazidas por sementes ao vento, quatro histórias misteriosas e sem fim de duas árvores, um cão e um passarinho de gaiola. Parecem fantasia, mas são todas reais e acontecidas neste século, vividas por seres sensíveis e íntegros, aos quais foi permitido constatar o poder criador do mundo oculto refletido na vida concreta. Contaremos segredos de duas materializações, uma desmaterialização e uma bilocação, ou seja, estar em mais de um local ao mesmo tempo, cada qual passado em um estado brasileiro, com dois homens e duas mulheres de diferentes idades. Entre eles, uma curiosidade, dois advogados.

∞∞∞

Estava em um salão comunitário quando o advogado se aproximou hesitante, incerto se deveria ou não revelar: *Tenho uma história para lhe contar, guarde-a no coração.* Saímos até o jardim e nos assentamos no chão observando altos eucaliptos. Confidenciava baixinho, medindo as palavras que me transportaram até o can-

teiro de três metros por quarenta centímetros no corredor de entrada de seu escritório, na maior capital do país. Ali, ele escolhera cultivar cavalinhas junto ao muro, para fins ornamentais e por seu uso medicinal. Decidira plantá-las porque a remotíssima história dessa planta sem galhos, folhas nem flores, com longos caules ocos verdes, juntas e estrias, lhe reaviva a latente reverência por pretéritas espécies vegetais. No planeta ainda envolto em névoas leitosas, há mais de 300 milhões de anos, as cavalinhas eram gigantescas antenas que captavam energias cósmicas e, através das raízes, inseriam sílica no solo de então, assim colaborando na formação das primeiras rochas.

Antes de plantá-las, ele lhes fez um berço macio. Pôs ali o esmero de um pai preparando a chegada de um filho. Trouxe do comércio da esquina o de melhor para deixar o solo úmido, saboroso, saudável, com boa drenagem. A tarefa tornou-se uma humilde oração. Sem pressa, de forma precisa e metódica, ajoelhou-se e curvou a cabeça para eliminar pedras e afofar a terra, alimentá-la com húmus, minhocas. Depois da cerimônia do plantio, acompanhou o crescimento das mudinhas. Cuidava, ah, como cuidava das cavalinhas! Regava-as e sorria enquanto, excepcionalmente, os verdes tubos tropicais alcançavam alturas imprevisíveis.

Amante do sol, ousou aspirar a ter ali um ipê dourado, grande árvore totalmente inadequada

para o estreito canteiro. Não foi uma súplica, mas um pensamento de desejo, um pedido de sonho. Foram-se meses, quando um tronquinho desconhecido apareceu naquele tico de terra. O intruso passou a incomodá-lo e como se dava todos os direitos sobre o canteiro, em um fim de tarde decidiu: desculpou-se com ele e podou-o ao rés do solo. Todavia, o brotinho não desistiu; retomou a rebrota e o crescimento. Ele estranhou e se pôs alerta.

No escritório, antes de uma reunião semanal de oração pelo planeta, um integrante apontou o pezinho desconhecido, ao passar: *Olha, é um ipê!* Um choque elétrico correu por seu corpo, pois relembrou o pedido silencioso emitido ao Universo. Terminado o encontro orante, o advogado delicadamente pediu permissão à planta, apanhou-lhe uma folhinha e foi pesquisar na internet. Sim, era um ipê, a árvore que emana forte energia solar, assim como a do ouro que, entre os minerais, tem irradiação apenas uma oitava inferior à do Sol. Sentiu um calafrio e uma dor interna por tal desatenção.

Neste ponto ele se calou, recolhido à quietude íntima do enigma. E sussurrando revelou-me: *Lágrimas rolavam quando constatei ser um ipê, sentia um misto de alegria e tristeza. Alegria por comprovar a resposta clara e infalível do Universo. Tristeza por ser consumido pela ignorância humana, que nos impede reconhecer o óbvio, mesmo quando mostrado até aos olhos físicos.*

A partir do desejo puro projetado por ele no éter, aquele quase nada de terra plena de amor talvez tivesse sido semeado pelo vento, por uma abelha ou mesmo por um deva. Ou talvez o anjo dos ipês o tivesse escutado e feito uma chamada invisível: *Um coração ardente da rua tal, número X, convoca um ipê por companhia. Selecionem uma semente amorosa.*

No segundo ano de vida, a árvore deu uma única flor de ouro e, a cada ano, mais e mais flores resplandecem dela. O radiante sol em pétalas ilumina os dias do advogado, e ele aprende a dialogar, reverente, com seu irmão ipê.

∞∞∞

A segunda história termina assim: Era uma vez um gavião levando um beija-flor nas garras, enquanto uma cantora sofre ao acompanhar a cena de horror.

Por sua afinidade com passarinhos, ela ganhara de um vizinho um colorido canário belga, três anos antes. Deu-lhe o nome de Alpha Pictor, a estrela mais brilhante da constelação de Pictor, o Pintor, do hemisfério celestial sul. Alpha Pictor passou a morar com ela, uma soprano, e seu esposo, tenor de um coral de música sacra. Ambos, sempre a cantarolar pela casa, ensaiavam com outros cantores na sala onde Alpha Pictor morava. E o canário belga os acompanhava com trinados melodiosos e gorjeios contagiantes. Mas demonstrava certa

preferência musical. Tão logo ela entoava um mantra clamando aos Irmãos do Cosmos: *Vem, vem, ó meu Irmão. Orando espero Tuas naves, Uru... Uruu*, ele encostava-se na grade e abria o biquinho para entoar junto, no ritmo, aumentando progressivamente o canto esticado até chegar ao ápice. A filha chegava a pedir: *Mãe, canta Uru para Pictor te acompanhar.*

Tudo ia muito bem até ir alimentá-lo um dia cedinho, como sempre. Mas, na gaiola fechada, não encontrou nem uma única peninha de Alpha Pictor. Desmaterializara-se sem deixar vestígios. Supôs que suas células, talvez por terem atingido alto grau de vibração, tivessem se tornado tão preciosas que o corpinho também fora conduzido para o mundo interno na hora da partida.

Passados meses, sua essência renasceu como um beija-flor. O casal logo reconheceu o canário belga no filhotinho alado que os vinha visitar com grande intimidade. Batizado de Beta Pictor, a segunda estrela mais brilhante da constelação de Pictor, o minúsculo beija-flor verde voava alegre pelos cômodos da casa até a terrível tarde. Roubado pelas garras do gavião, da janela a cantora estarrecida viu-o desaparecer até onde seus olhos brumosos de lágrimas podiam avistá-lo. Depois, mais nada, apenas um espinho no peito.

∞∞∞

Agora, a história de Estrela, contada por um amigo que passou rápido só para entregar-me a foto de uma cadela, sussurrando a meus ouvidos que ela bilocava e, depois, explicaria como. Tive de aguardar duas semanas... Às vezes, eu olhava a foto, o focinho largo, as longas pernas brancas, as manchas cinzas. Ficava tocada pelo intrigante olhar. Uma cachorra diferente...

Um dia meu amigo-tutor veio narrar a prometida história. Dera-lhe o nome pela cabeça triangular, parecida com uma estrela. Conheceu-a filhote, quando passeava diariamente com os seis cães da família por uma praça, também triangular, com um círculo e uma cruz ao centro. A cadelinha provocava compaixão e aversão pelos imensos carrapatos, dos de boi, que lhe tomavam todo o corpo, tantos, que iam caindo pelos caminhos. Viu-a uma e outra vez até, em uma noite, antes de dormir, enviar uma intenção para o mundo onírico: *Diante da insensibilidade social, se ela aparecer amanhã, vou resgatá-la, limpá-la.* Também ordenou internamente aos cães da casa: *E vocês não reajam a ela!* No dia seguinte, levou a turma à praça e, lá estava a necessitada. Não deixaria escapar a oportunidade de servir àquela filha de Deus.

Estrela recuperou-se, sadia, bonita, altíssima. Participava, sem coleira, dos passeios caninos até certo primeiro dia de Carnaval, quando sumiu. Inquieto, mas convicto de que a encontraria, o tutor passou a procurá-la pelos quatro

cantos da cidade. Deixava informações, características, mostrava a foto dela. Estrela era única! Não era como tantos cachorros amarelos ou pretos, fáceis de serem confundidos. Muitos telefonemas chegavam: *Está passando por aqui*. Ele ia, nada. Outros telefonemas, de bairros próximos: *Venha cá rápido!* Ele ia, nada. Assim foram-se dias, e nada.

Até que uns meninos irmãos, seus vizinhos, perguntaram-lhe: *Você não quer mais a Estrela? Ela bate no seu portão há três noites, latindo para entrar...* mas, da casa, ninguém escutara. Finalmente, uma informação levou-o a um bairro distante onde lá estava ela, acorrentada a uma casinha. O senhor que a recolhera na praça garantia: *Desde que a peguei, no primeiro dia de Carnaval, esteve acorrentada aqui.* Impressionado com o caso, levou Estrela de volta. Se fora vista em diversos locais por tantas pessoas enquanto estava presa, então ela teria bilocado? E ele, em dolorosas buscas...

∞∞∞

A última história se deu em uma fazenda. Nascida de uma mãe cujos amigos de infância eram porcos do mato, macaquinhos, galinhas, tatus, com ela aprendeu a jamais pisar no solo sem se ligar à fecundidade e à magia da vida. Brincava com amiguinhos de tiro ao alvo em um tronco rugoso, quando sentiram um aroma semelhante ao do alho: *Mãe, que cheiro de alho!*

A mãe: *Estão acertando no pau-d'alho*, mudem o alvo. Assim conheceu a árvore preferida do pai, plantada próximo à casa, entre muitas outras.

O pai assentava-se todas as tardes na varanda, pousando longamente o olhar na alta majestade esguia e frondosa. Como um dia o pau-d'alho começou a morrer, foi com a filha consultar um preto velho sobre algum tratamento. Ouviu, revoltado, ter a árvore, para protegê-lo, absorvido um mal enviado para ele. Foi atingido no que lhe era tão caro... O preto velho, muito sábio, orientou a filha: *Você pode curar o pau-d'alho. Chame o seu índio protetor e vá.* A jovem estranhou, sem saber o que fazer... mas levou sal de cozinha até um espaço aberto em frente à árvore, ajoelhou-se, orou, abençoou-a e fez uma cruz de sal ao pé do tronco, junto às raízes. Algo acontecera durante o ritual silencioso, estava certa, mas logo retornou à cidade grande para estudar, e esqueceu o assunto.

Coisa de um ano depois, ela retornou à fazenda nas longas férias escolares. Sentada na varanda, ouviu a mãe perguntar ao pai: *Você viu o pau-d'alho morrer?* Ao mesmo tempo, os três constataram o inexplicável diante de seus olhos pasmos: a árvore estava seca mas, no vazio, onde a filha fizera a bênção, crescera outro pau-d'alho idêntico, com a mesma altura e o viço do anterior. A vida saíra do antigo e entrara no novo. Impossível de ser explicado pela lógica. Os mentais podem tentar justificar

pelas atuais mudanças magnéticas do planeta. Os profundos e intuitivos sabem que o crescimento de plantas pode variar segundo emoções humanas, mas aquilo parecia um absurdo.

Um espelho vegetal se colocara junto à contraparte seca do pau-d'alho. A árvore, então, refletia o coração da jovem filha que, por seu profundo amor pelo pai, emanou total fé na Criação, unindo-se assim ao reino angélico. Dessa maneira, criara o correto ambiente interno para os devas responsáveis pelo crescimento do pau-d'alho o manifestarem. Assim como Cristo multiplicou pães e peixes há dois mil anos, a ação pura impregnara o éter de material sutil, que foi usado pelos devas para construir o molde da nova árvore, logo preenchido de átomos com impressionante rapidez.

Ainda perplexa, da varanda da casa grande toda a família se deleitava com as maravilhas transcendentes. E a filha admirava o inusitado, quando o pau-d'alho e seu anjo lhe enviaram um aceno. A galhada superior da árvore farfalhou sem vento, como a inclinar a cabeça em gratidão pelo poder de pureza da jovem colaboradora humana.

Assassinato doméstico

É real. Aconteceu comigo, na infância, uma única vez. Fazia parte da educação ortodoxa de minha mãe, naquela época e naquela cidade, formar-me para ser uma boa dona de casa. Ela se esforçava para tal. Quando eu tinha uns 12 anos, chamou-me no meio de uma manhã, eu no quarto lendo, sempre no quarto lendo. Ela decidira: chegara a hora cruel. Havia algo terrível e solene no ar. Fui. Séria e quieta fiquei olhando-a do alto da escada que dava para o quintal. Atravessou-o para escolher a galinha mais gorda do galinheiro. Um alvoroço de penas. Trouxe-a carregada pelas pernas, dependurada de cabeça para baixo, o pescoço mexendo a cabecinha agitada, olhinhos arregalados.

Um prato e uma faca estavam postos no chão, em frente à porta da cozinha. Mamãe à minha frente, eu obediente, a galinha entre nós. Exigia: *Tire as penas da frente do pescoço.* O bico, o olhar vivo. *Puxe!* Vai doer. *Puxe com a parte de trás da faca!* Com a ponta dos dedos eu acariciava as peninhas. Estávamos aterrorizadas. A galinha estava, eu estava, e me pergunto se mamãe estaria. Lem-

bro-me dela cada vez mais nervosa por minha incompetência; queria acabar logo com aquilo, não pensar no que fazia, nada sentir. Arrancou rápido ela mesma as penas da frente do pescoço. A pele branca. Deu-me a ordem seca. Estarrecida, levantei com esforço uma perna para ela ajustar as asas abertas debaixo de meu pé, a técnica. Mamãe agitada, exigindo de mim o gesto final. A faca na mão dela, a faca na minha mão. Esqueci. Não sei o que aconteceu. Acho que não consegui, não me lembro. Perdi a memória. O lapso rapidíssimo, a faca rasgando a garganta, o grito rouco. Minha alma gritava de dor, todas as crianças do mundo gritavam de dor, todas as galinhas gritavam de dor. Lembro-me da cabecinha pendida sobre o prato, do sangue escorrendo, do bico aberto, da galinha em convulsão frenética sob meu pé, do horror. Sim, estou certa, eu não matei a galinha.

Andava em câmara lenta quando passei vazia pela cozinha, pela copa vazia, semiparalítica. O golpe assassinara sentimentos, a alma perdida flutuava para longe, eu sem um pedaço de mim. Onde encontrar a limpidez, a pureza, o afeto pela vida grotesca e má? Galinha ao molho pardo, galinha ao sangue. Comer a galinha e ao seu sangue? Nunca!

Afirmo: nasci vegetariana. Sem dúvida, reencarnei várias vezes na Índia, país que há milênios não consome carne, mas agora nasci em Minas. Aqui me rendi quando carnes eram chamadas

de prato principal. Nas famílias, era de lei comer carne; caso contrário, ficaríamos débeis, doentes, sem proteína. Antigamente acreditava-se nisso. Filha de médico, a imposição e aquela lógica abalavam minha certeza alimentar de vidas passadas. Contam que, na primeira infância, eu era ruim para comer. Cerrava os lábios com força tão logo minha mãe vinha com a colher. Ela inventava histórias, fazia da colher aviãozinho para me distrair, entreabrir a boca e, ágil, enfiar a comida. Ó meu Deus, eu desisto, sou tão menina! Pouco a pouco, a cultura, a medicina e o poder adulto me venceram. Parei de raciocinar, de olhar aquelas fatias de boi, de porco, de peixe colocadas em meu prato como vindas de animais assassinados, que sofreram tanto quanto a galinha que não matei. Entrei na alimentação tradicional cega, automática. Luta perdida. Era aquilo. E pronto.

Já adulta, após me mudar da casa dos pais e de cidade, ouvi a palavra mágica, o mistério: macrobiótica. Ah, o arroz integral, dieta de arroz integral por dez dias. Fiz. Arroz branco nunca mais. Churrasco, nem pensar! Mais saladas, mais folhas, mas o pedacinho de carne, o peixe, a ostra, o camarão persistiam, cada vez menos, no prato. Como encontrar proteína sem aquilo?

Duas alminhas chegaram, dois filhos, e eu me espelhando no passado: *Coma um pouquinho de carne, querida.* A filha mal aprendera as primeiras palavras: *Coitado do bichinho, mamãe.* Ela negou. Fiquei estática diante da revelação, a lembran-

ça remota, a consciência. E decidi: não compro mais carne vermelha.

Pedaços de corpos sangrentos dependurados em açougues e supermercados ainda me horripilam, desvio o olhar, passo rápido, prendo a respiração do odor de morte. Desde aquela época, neles enxergo o ex-animal vivo, mas, ainda assim, uma vez por semana comprava um frango embalado em plástico, tão limpinho e claro, tão asséptico, nem parecia ter vivido.

Sentados à mesa de um almoço decisivo, minha ajudante doméstica trouxe o bem temperado frango ao molho, não pardo. Olhei-o com náusea. Fiz o derradeiro convite, sem convicção, para os dois filhos, fixando-me nos pratos coloridos com legumes: *Coma só um pedacinho, filhinha, é gostoso*. Ouvi um *não*. *Coma, filho*. Ouvi outro *não*. Lembro-me de ter pensado: vou comer uma coxa, essa aguento. Olhei para dentro de mim, ressuscitando. Terceiro *não*. Oh! alegria, oh! liberação, oh! verdade. *Filhos, vamos combinar uma coisa, nunca mais entra carne nesta casa, nunca mais comemos um bichinho!* Quatro bracinhos se levantaram em alegria, e as vozinhas infantis cantando: *Oba! Oba! Oba!*

Assim foi há 30 anos. Assim é.

Contemplar folhas

Contemplar é assunto tão delicado quanto falar do silêncio. Ela, seu pai, a mãe e a irmã nasceram com o raro olhar manso, que fica conversando com plantas, nuvens, musgos ou rochas.

Ela passa horas e horas sem conta diante da árvore, tranquilamente, a pesquisar bem devagar folhinha após folhinha. Uma tem pêndulo, outra não, uma está seca, outra não. Como são muitas folhas, cada uma com muitos tentáculos, há ali tentáculos para comparar e observar até o final da noite, sem distrações.

Cada folha vive neste mundo de Deus em um espaço só dela, a forma única, o brilho. Ela nota nervuras, curvas, os tons mais frios, os mais quentes. Nelas descobre ângulos, linhas, o reflexo do sol andando no alto céu. Contempla-as na contraluz, que tinge os finíssimos corpos de verde-dourado e os faz translúcidos como asas de insetos. Segue o rastro oscilante de uma folha caindo pela brisa, logo dispersa pelo chão. Fita longamente a folhinha caída nos salpicos de luz da grama.

Ela nada procura, nem tenta discernir o sentido íntimo da coisa observada. Aceita tudo, sem pressa. Não busca analogias. Fica ali. A tarde inteira faz companhia para a árvore. Deixa a vista leve acarinhar folha por folha, derrama amor aos bocadinhos para uma, para outra.

Dizem que isso é de família, ou genético... Talvez. As próprias almas escolheram nascer naquela família contemplativa.

O pai se deitava depois do almoço, próximo à cabeceira da cama debaixo da janela, para observar o céu fugaz por aquele ângulo. Liberado da vida prática, bem quieto, deixava nuvens mansas, rápidas, dóceis aos ventos se desfazerem pelos olhos abertos, sonhando com o Imortal. Absorto pelo vaivém, seguia o caminho da contemplação, uma das vias invisíveis oferecidas para a humanidade atravessar os níveis internos ao encontro do espírito. As filhas achavam que dormia, mas treinava viver no espaço. E, a cada vez, repetia: *Vocês acham que eu estava dormindo? Não estava. Quem se deitar naquela cama olhando o céu, uma nuvem para lá, outra para cá, azulou, uma obscurece o sol, passou... quem fizer isso vai ver que no mundo não há problema. Nenhum. Qual o problema? Problema é invenção da cabeça.*

Para a mãe, quase analfabeta, mas sábia, ir para dentro de si não era severo nem triste. Terminada a faina diária, pois na casa todos gostam de trabalhar, sentava-se à mesa da cozinha e corria os olhos pelo piso de pedras, enternecida por nele

descobrir rostos, figuras míticas, uma floresta virgem. Por vezes, sem se agitar, cerrava os olhos, em silêncio. Não estava à toa, colhia valores da eterna fonte.

A janela do quarto da irmã dá para um muro. Em anseio de ver além do óbvio, espreita profundezas e imagens no limo verde intenso da parede e mergulha em cantos de tanto passarinho. Bicam a calha do telhado, conversam em bando, um gorjeia. Escuta sons de grilos e animais noturnos. Sabe a voz de cada criaturinha. Acorda com o cantar do galo, ouve um mugido longínquo, embebeda-se com o tamborilar da chuva.

Pausadamente ela, a que observa folhas, vai comentando: *Em tudo há abstrações, e cada momento é um link. Como na internet, a natureza é cheia de links. A gente se concentra em um ponto, esse logo cria uma conexão involuntária com outro ponto que, em seguida, desperta outro ponto até então escondido. Incessantemente portinhas se abrem. Isso me atrai. Mas a maioria das pessoas é irrequieta, tem horror à contemplação. Se alguém faz uma oferta para se unir à própria essência, a busca começa a fluir, toma um rumo interno, sem esforço nem técnica. Todos, um dia, sem saber como, lá chegarão. Enquanto isso, basta ir desvendando o mundo fascinante que nos cerca.*

A que observa folhas teve três contatos com a luz interna. Primeiro, em um sonho límpido, ela, no ventre de um cristal azul profundo tão cintilante, tão real, cada vez mais nele se submergindo como em um lago de pedra faiscante, no azul

que foi escurecendo, tornando-se violeta, depois índigo. Abismada de azuis e brilhos, fez uma pergunta: *Como alguém entra dentro de uma pedra?* Imediatamente foi projetada, através de duas fendas altíssimas, com musgos e umidade, para a luz do dia, lá na frente.

De outra vez, teve uma visão ao cantar mantras: um piso azul dava para cortinas de luz de altura infinita e cor âmbar, ondulando suavemente, a chamá-la. Tempos depois, a mesma cortina translúcida apareceu no fundo de um lago, em frente a uma mata, enquanto orava. Tinha textura, profundidade, era perfeita demais para ser imaginação dela; além do mais, sua imaginação não tem este roteiro.

O mundo visível que a família contempla oculta o que ela será um dia, o que já foi, ou o que verdadeiramente é. Sim, o que é... sem ontem nem amanhã. Quando a cortina for aberta, a real existência se descortinará, conduzindo-a por misteriosos oceanos de paz.

Comocionados

Eram três senhoras sem exageros, sem tintura nos cabelos nem salto alto. Unidas por passos enérgicos e corações palpitantes, seguiam, entre mistérios, para um mesmo e inédito encontro. Entraram em uma padaria depois do almoço e cada qual procurou um docinho nas vitrines do balcão. Havia duas mesas: uma vazia e outra com um senhor grisalho, buscador do infinito, sorrindo-lhes. Os quatro tinham algo em comum, fazem parte de uma mesma comunidade.

Sem pedir licença, foram puxando as cadeiras para a mesa dele enquanto, enternecido pela surpresa do delicado gesto, elas o ouviam gracejar: Estou comocionado! Palavra quase desconhecida, que descobri recentemente no Dicionário Houaiss e descreve meu atual estado de espírito: a gentileza de vocês me alegra e me faz perder a dureza de alma.

Uma senhora achou graça e caiu rápido no assunto que lhe interessava pois, sem dúvida, não se haviam encontrado em vão. Puxou ex-

periências dele: Posso te entrevistar? Fale da natureza. O que são o reino mineral e o vegetal para você?

Ele, surpreso: Para mim? Nós aprendemos que os reinos...

Silêncio. Ele sabia que ali estavam para ter um convívio espiritual e se delongou, pensando em uma resposta filosófica.

A que entrevista insistiu: Conte uma experiência pessoal...

Ele: Bem, a natureza do mineral é de mais solidez, dureza, constância... Passa terremoto, passa dilúvio, passam hecatombes, e ele sempre aqui, girando com o planeta Terra. As eras mudam, transformam-se, e ele continua firme. Agora, o reino vegetal... nós aprendemos que é o que mais correspondeu ao Plano que existe para o planeta Terra, que mais conseguiu sua plena expressão. Poxa vida, acabamos de receber uma refeição doada pelo reino vegetal! Vou dizer o quê? Alimenta o planeta, alimenta o corpo e, indiretamente, alimenta a alma. Comer uma manga, um abacaxi, um milho, que fantástico!

Outra senhora, *a que observa*, interveio. Baixinho, relatou sua percepção de pequenas rosas plantadas junto ao pedestal que sustenta uma estátua branca de Nossa Senhora das Graças, colocada no jardim interno do local em que fazem trabalhos voluntários: Há um buquê branco de um lado e um rosa do outro. Não é

comum o que se vê: dois longos ramos cresceram de cada buquê... um meio metro. Sobem como se fossem trepadeiras e depois curvam a cabecinha verde para se deitarem nos pés que esmagam a serpente. Isso só pode ser um trabalho dévico. Os devas criaram esse símbolo de louvor e adoração sutil. Só temos de admirar, agradecer e ter cuidado para não cortar as delicadas hastes com uma tesoura.

O senhor se dirige à senhora que o entrevistava: Veja como são as coisas... Você me pediu para contar uma experiência pessoal e achei que não ia conseguir até ouvir a história das rosinhas. Um dia, eu estava em grande luta interior, buscando, como todo mundo, algo melhor nesta vida. Estava destrambelhado. Naquele dia, alguma devota trouxe terra e duas mudas de rosas. Eu resisti a plantá-las, pois não tenho tanta devoção, sou a pessoa menos qualificada para isso. Mas, como ninguém o fazia e dizem que tenho "mão boa", pedi licença a Nossa Senhora das Graças, que reverencio, e ajoelhei-me para afofar a terra junto ao pedestal da imagem. Fiz isso com o maior capricho, trabalhei com o coração.

A senhora que observa: É notável, quase posso ver as mãozinhas invisíveis dos devas levando aqueles ramos com cachos de rosinhas e botões lindos, grandes demais para a espécie, até os pés da Mãe. Algo além do projetinho genético das pequenas rosas está sendo construído.

Elas são resistentes, guerreiras, pois a grama se entrelaça na base do caule, como para impedir que subam.

A terceira senhora, que até então só escutava, interveio: A minha família tem tradição rural, é do Norte. Sobreviviam do que plantavam. E plantam muitas frutas da região: goiaba, caju, coco, variedades de manga. Tenho certo vício de comer fruta. Nossos ancestrais nos criaram procurando a cura nas plantas, não em hospitais nem com médicos. O prazer de todos é ainda dar mudas de presente. Por onde passam pegam uma muda, uma semente. Quando minha prima veio me visitar, de avião, trouxe uma sacola enorme de mudas. As duas roseiras estavam nela, e decidi levá-las para viverem junto da estátua...

A senhora que observa: Quem conhece jardins e espécies de rosas vê que o que está a acontecer ali é extraordinário, um milagre para homenagear a Mãe Divina.

Ele: Às vezes, sento-me ali e converso com Ela, em silêncio. E hoje escuto sobre as roseiras que plantei! Estou feliz.

A que entrevista quis saber mais sobre o senhor: Como você chegou aqui?

Ele: Eu era um rebelde. Cheguei estropiado e com uma costela fraturada. Sem saber de nada, tinha comprado uns livros daqui, que ainda estudo. Sou um dos que encontraram este grupo

dessa forma e fui recebido de braços abertos. Só depois percebi o quanto me transformei.

A que entrevista: E a paz no coração?

Ele: Sim, a paz é um impressionante divisor de águas. Quando começamos a elucubrar demais, ou entramos em uma atividade ou energia que nos faz fugir da paz interior, recebemos um alerta lá dentro: Opa! Cuidado! Para! Observa! O caminho já te foi dado.

A que entrevista se dirigiu então à senhora que observa: E você, chegou pelo sofrimento?

A senhora que observa: Sempre sonhei, desde criança, viver em uma comunidade. Sonhava repetidas vezes com um córrego largo. Precisava ultrapassá-lo para chegar a uma comunidade que eu queria conhecer. Mas não recebia autorização. Sentava-me à margem das águas correntes e chorava muito nos meus sonhos, pois queria ter a permissão. Passei a vida buscando. Fui a muitas comunidades, mas o comércio estava lá dentro. Um dia, um livreiro me disse que eu precisava conhecer a obra de Trigueirinho. Nunca tinha ouvido falar dele, de quem havia ali um único livro: *A Quinta Raça*. Eu o comprei, li e decidi vir. O que mais me impressionou foi saber sobre a evolução da humanidade, que fazemos parte de um projeto do Criador e temos uma meta, que cada um deve descobrir o próprio caminho entre infinitas possibilidades. Foi uma dádiva conhecer a comunidade Figueira, um por todos e todos por

um. A vida grupal não é fácil por causa de nossas personalidades, mas, em essência, Figueira é o que buscamos... Tenho a graça de conhecer um mestre vivo que me dá paz e força para vencer as guerras que carrego dentro de mim. Há muito a percorrer, mas o importante é ter consciência do caminho e perseverar nele. Em grupo, sinto mais força para prosseguir. E realizei meu sonho.

Saíram calados da padaria, intrigados pelo modo inesperado como o mundo interno os levara àquele encontro criativo. Nada fora por acaso; estavam participando de uma obra profunda. Na varanda que circunda aquele jardim, orações diárias ajudam a manter a escultura imantada. Uma das senhoras ofertara as mudas. Ao plantar as roseiras com o coração, o senhor fez mais do que jardinagem: nelas imprimiu sua energia. Os devas, atraídos pela onda de amor, criaram moldes incomuns, por onde os dois longuíssimos ramos seguiram. Diante disso, o fervor da *senhora que observa* cresceu. E as imprescindíveis perguntas *da que entrevista* revelaram o papel das singelas ações de cada um que, somadas, deram origem à incomum expressão vegetal.

Só Deus sabe como atos tão simples, mas puros, irradiam e ajudam a Sua obra... O pequeno mostra grandeza, beleza, uma verdade desconhecida.

Naquele dia, cada qual dos quatro passou a seu tempo pelo jardim banhado pela luz do sol. Pararam. Observaram a cena devota. Irradiaram uma penetrante nota de amor à vida e prosseguiram, comocionados.

Semear como passarinho ou morcego

Ela vai andando por ruelas e avenidas a semear frescor, fragrâncias e sonhos. Vai como brincava de pique entre antigos jardins e quintais arborizados da infância, com a viva lembrança da cidade antiga com árvores esguias entrelaçando galhadas altas para criar túneis verdes. Vai livre, como que à toa, tomada de carinho pela brisa, por brotos de ramagens, cada tronco e cada flor. Sente a dor das árvores estranguladas por saias de cimento na calçada. Identifica a sede de raízes indo nutrir-se na superfície devido à escassez alimentar do subsolo. Visualiza a aridez sob o cimentado. A chuva cai no asfalto, cai nos passeios, escorre por bueiros e não chega às raízes. As árvores crescem, ficam lindas, mas, desnutridas, perdem o viço e uma hora caem.

Sonha trabalhar no Setor de Parques e Jardins da metrópole. Convidaria todos os reinos para conviver em paz. Tombaria esquinas para ali crescerem frutíferas de pequeno porte dando frutos triangulares, cônicos, arredondados. Para encantar crianças e suavizar adultos, plantaria a

seus pés samambaias e plantas miúdas expondo flores masculinas, femininas, unissexuais, brancas, azuis, rosas, negras, amarelas, com uma, duas, múltiplas pétalas. Em todo quarteirão haveria ilhas de vida orgânica para pássaros e pequenos animais e largos espaços com gramíneas em torno das mudas, para os caules subirem plenos e a água se entranhar no solo nutrido, com minhocas escavando galerias subterrâneas. Alegres, os prefeitos acatariam sua opinião: *Aconselho quebrar todo o concreto e deixar caminhos em vaivém sob copas frondosas para os pedestres, para a vida acontecer por si e vivermos embevecidos pelo espetáculo verde florido.*

Ligada à alma, prossegue. Cada pensamento seu influencia e movimenta a vida ao projetar formas sutis nos éteres. Banhadas de amor pela natureza, suas aspirações puras se unem às de muita gente distribuída por continentes, países e cidades. Juntas estão a edificar cidades ideais na mente coletiva, onde se possa viver com ternura, beleza, união e lucidez. Da noite para um dia do futuro que se apressa, elas se concretizarão, serão visíveis a olho nu.

De mil formas e mil modos, ela enriquece essa obra invisível com texturas, folhagens acetinadas, cores pastéis ou vistosas. Para cada bairro vai imaginando um parque com antenas vivas atraindo o céu para o fundo da terra: longas palmeiras e magníficas árvores sagradas – como a sapucaia, de altíssima postura e magnânima copa

tropical – cujas auras multicoloridas e a sabedoria vegetal milenar se irradiem para outras plantas, pessoas, bichos. Na primavera, jovens folhas róseas se tornam verdes quando maduras. Aos milhares, uma a uma, vão formando um maciço arroxeado salpicado de floração perfumada lilás e branca e de abelhas zumbindo em festa. Atingidas por grossas gotas de chuva, as flores oscilam, soltam-se e flutuam até tecer uma tapeçaria de pétalas no chão, que se incorpora ao solo, vira húmus e nutre a própria árvore. Hoje, essa perfeição cai nas calçadas e, considerada sujeira, é varrida. No topo da copa, aonde só chegam morcegos e macaquinhos, a sapucaia esconde nozes em cocos grandes. A semeadora conta: *Dizem que macaco não põe a mão em cumbuca mas, nas da sapucaia, os macaquinhos põem as mãos para tirar as castanhas. Essas gostosuras são só deles, não deixam cair uma ao pé da árvore para comermos. Embaixo ficamos nós, apreciando o lá em cima. O habitat natural dos macaquinhos está desaparecendo, por isso vêm procurar comida na cidade. Aqui ficam meio perdidos, mas há quem ponha bananas em forquilhas de árvores.*

Ela semeia pelo mato e também pela cidade, contra a corrente dos apressados. Brinca de morcego ou passarinho. Aqui, ali... dissemina sementes assim como compartilha as palavras: *Separo as sementes das frutas que como. Divido-as de três formas: as que cabem no meu bolso e não irão melá-lo, as que melam, e as grandes, como caroços de abacate e de*

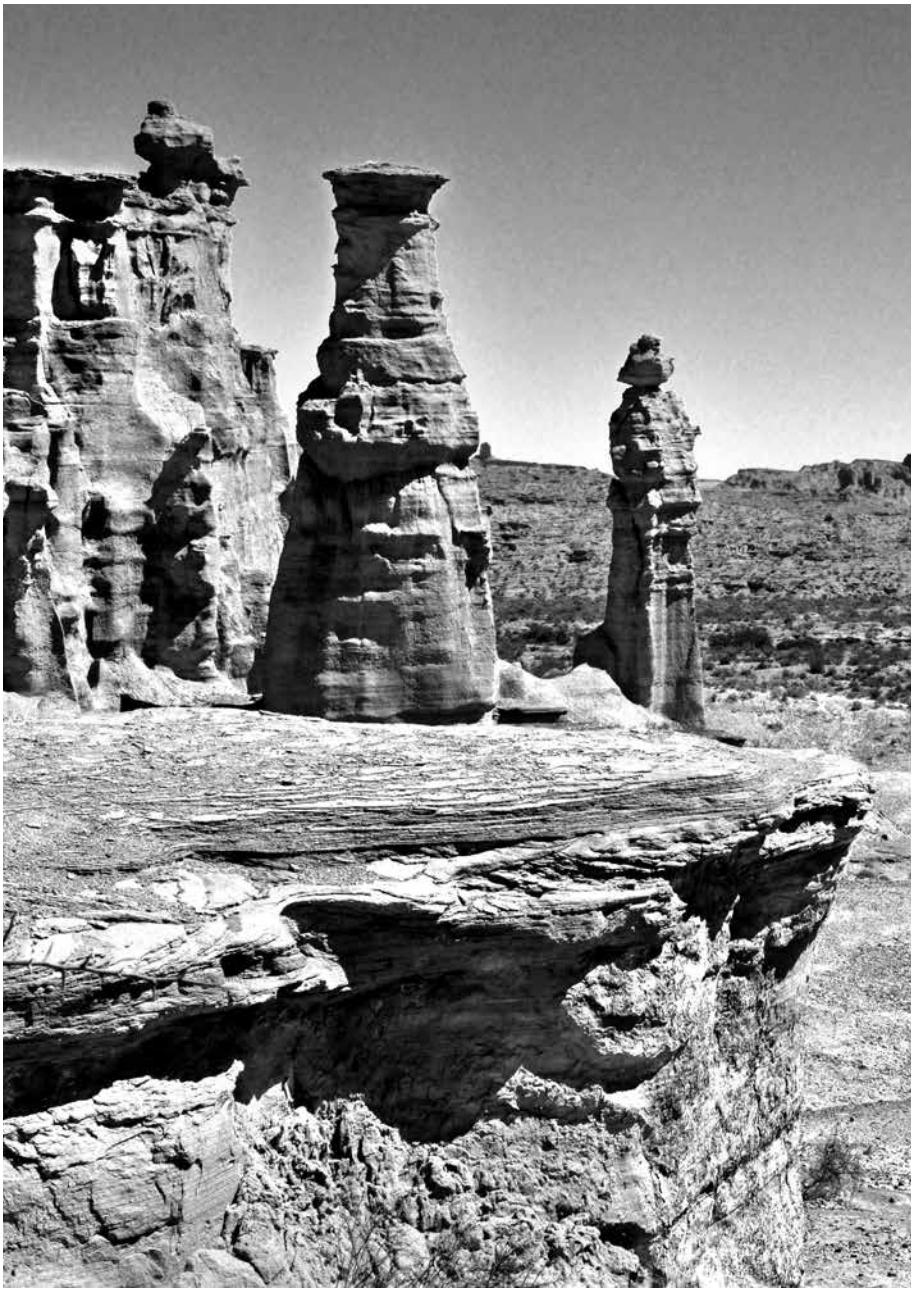
manga. As de mamão, ponho para secar numa folha de jornal. Depois misturo todas em um caldeirão com um pouco de água e saio jogando-as no mato. Pela cidade, ponho as que não melam no bolso, vou caminhando, atirando-as. Na época de chuva, é perfeito! Ela sabe, está a desorganizar o projeto paisagístico urbano, mas... *Que delícia dar de frente com um pé de pitanga.*

Na calçada de uma descida íngreme da cidade descobriu um canteiro com plantas para comer, enfeitar e perfumar, em uma mini área de terra deixada pela prefeitura. Lá, um microplantio de frutíferas e um pé de amora tão alto que só bicho pega. Ela prossegue: *Achei interessantíssimo. Bati na porta do morador que as planta e, de vez em quando, levo-lhe sementes. Caso não esteja, amarro-as em um papel e jogo o embrulhinho pela janela dentro de casa. Assim, os bichos vão ter mais o que comer.*

Atravessamos uma época de pessoas entristecidas, que nem sequer sabem por quê estão assim. Transitam perdidas pelo mar de ilusões materiais, semimortas, com pressa cega e surda, de olhos fixos em compromissos, tensões e objetos sem vida.

Mas aqui ou acolá ela entrevê passantes alegres; enriquecidos pelo diálogo interno com maravilhas naturais, transcendem dores e limitações destes tempos. Esses lançam pupilas reluzentes às árvores. E elas respondem, se comunicam. Uma química oculta se dá entre esses e elas que, sutilmente, lhes espargem bálsamos vegetais.

Sorrindo, ela observa num relance quem alonga a vista para asas voando em rajadas de vento ou nesgas de céu entre edifícios. Assim como as flores, pássaros têm tênues partículas nos corpinhos. Seus cantos e os desenhos que traçam nos ares sutilizam o espaço, ajudando anjos a dar pinceladas angelicais em auras humanas. Irmanada ao reino das aves por vibrações delicadas, ela contempla as circunvoluções aéreas no céu celeste, ao passo que, íntima dos jardins, sabe, sem hesitar, onde atirar sementinhas. Nessa bendita semeadura, reforma o planeta. Furtivamente, faz o novo Céu e a nova Terra desabrocharem pelos caminhos.



O chamado das montanhas

Parecia um acontecimento terrestre insignificante quando, em uma noite profunda, sem lua, um pequeno automóvel atravessou o vale entre duas montanhas de onde se extraíam as reservas de minério de ferro.

Cinco peregrinas alegres iam por uma autoestrada do quadrilátero ferrífero para uma reunião fraterna. Como perderam a entrada do condomínio ao qual se dirigiam, seguiram uma via paralela, guiadas pela placa: *Mineradora*. Enquanto serpenteavam morro acima, pensavam estar apenas indo buscar informações sobre o retorno; entretanto, ingressavam por uma inesperada porta do apocalipse mineral.

Vacilaram ao irem sendo cercadas por luzes e caminhões gigantescos com pneus mais altos que um ônibus. Súbito, viram uma cratera monstruosa clareada por potentes holofotes. Das encostas rasgadas por patamares cinzas e negros, mega máquinas com dezenas de metros de altura removiam toneladas de rochas. A ordem, a irradiação e o poder são características ocultas do

reino mineral. Ali, também, havia essas características, mas destrutivas. Na ordenada cerimônia de extração abusiva de ferro para suportar os gastos da população humana global, três turnos trabalhavam 24 horas por dia sem intervalo e sem diminuir o ritmo da acelerada exploração mantida até a jazida se exaurir, quando as colossais escavadeiras são encaminhadas para outro empreendimento. Deixam para trás um sinistro deserto e o silêncio de Maria a consolar pedras e paisagens feridas.

Um semáforo vermelho as fez parar. Avistaram uma moderna guarita. Estacionaram e duas foram ter com os bem-uniformizados guardas da mineradora. Eram sérios. Com poucas palavras indicaram que os seguissem pelo ventre aberto da montanha abusada. Havia risco, mas, vigilantes, protegeram sua fragilidade. Como guardiões, conduziram-nas devagar para a saída, com cautela, entre incontáveis faróis acesos. Em silêncio e crescente assombro, ouviam motores, estrondos, rolar de pedras.

O carro penetrava o abismo como um rio puro escoa para lavar toda mancha, dissolver todo mal, derramar cura na indiferença. Doadas ao serviço incondicional, haviam sido colocadas no bojo da obsessiva extração mineral, da inconsciência, competição, do usufruto e quase absoluta negação da vida espiritual-real.

Acontecia um ritual oculto. Raios brilhantes das almas peregrinas se irradiavam ao longo da

vastidão estéril das entranhas da terra, enquanto penetravam na infernal e ultrapassada história humana da exploração: corrida do minério, euforia pela alta de preços, colonização, bandeirantes, escravização de índios, toneladas de ouro, a metrópole, escravos negros, garimpo, burguesia, grandes empresas, pedras preciosas, prata, esmeraldas, diamantes, reservas promissoras, investidores correm, o mercado obcecado, 400 km de mineroduto, enviar um navio carregado de ferro para a Ásia, grupo chinês, pesquisas geológicas, vasculhar a terra, descobrir novas minas, nióbio, grandes compradores de minério, eixo econômico e político, comércio, *boom*, trilhões de dólares, apostar na nova jazida, minas de grande porte, comprar, vender, exportar, investir em novo projeto, transporte por dutos, por trens, fabricar mais carros, mais supérfluos, satisfazer apetites da matéria...

A passagem pela mineradora não fora acidental. O percurso de quem invoca o amor universal é misterioso, desenha com luz as mais simples ações. O espírito das montanhas, sua inteligência oculta, lhes clamara por socorro e clemência para ajudar a dissolver a dor escondida no coração mineral e nas almas dos que, em escala planetária, sobrevivem da sua destruição.

A beleza sólida da montanha tivera seu poder magnético esfacelado. Mas ela está viva em outras dimensões, e seus segredos brilham, intactos. Símbolo de gloriosas alturas e do caminho

ascensional, prossegue, invisível, transparente e poderosa, vista apenas por videntes.

As peregrinas foram se distanciando do rugir de máquinas e pedras. Deslizavam em atitude orante pelo silêncio da noite profunda, desvendando os significados encobertos daquela visita. Suas pupilas, recém-dilatadas por luzes artificiais, se espalharam pela grandeza estrelada, abrasadas de compaixão e amor celestial.

Vendaval do deserto sem oásis

Há certas longas tardes, vagas manhãs ou intermináveis noites para aprendizes espirituais que despertam nesta cidade em que vivo, ou em um país vizinho, ou em continentes além-mar. Todos batalham pelo invisível com a dor de se saber na secura do deserto, mas com a certeza de que um dia seus olhos se abrirão. Sentem-se áridos e cada vez mais vazios a cada entra e sai de ar. Têm como único alimento o que não se vê, mas se sabe estar movendo os mundos em silêncio, guiando-os para a liberdade do espírito. Queimam as solas dos pés até sangrarem, mas prosseguem pela areia fervente. Abrasados, avançam por madrugadas gélidas olhando estrelas distantes. Avistam vultos amigos, irmãos de tantos outros credos e nações, milhares, 144 mil a persistir entre névoas douradas do vendaval no deserto sem oásis, certos de que, em um longo dia valente, divisarão o invisível.

Quando mãos de ferro da negra nuvem do mundo aperta o peito de um ou de outro, em humildade cada qual busca alívio no achego de

um gato ou de um cão. Alguns cantam. Uns nutrem o idoso ou a criança faminta. Outros se assentam em um banquinho com os pés na grama, arrancam mato com raiz do jardim e, depois, preparam chazinhos para a família com os medicinais, quebra-pedra, mentrasto. Todos oram nas lidas quietas, desafogam as dores com Deus, comungam com Cristo para o turbilhão se acalmar e a paz retomar as rédeas da vida.

A imperatriz do jardim

Sob a tutela da árvore cássia-imperial, imperatriz daquele jardim, nascem heras, relvas, flores, ervas e soam notas que sustentam a esperança de almas e bichos. O espaço paradisíaco cultivado com plantas ornamentais e medicinais é embalado pela força do silêncio. Cercado e protegido por eucaliptos guardiões das ondas selvagens da cidade imensa, por ele circula uma ordenada colmeia humana dedicada ao serviço altruísta e orante: uns tratam do verde, outros administram, outros estão na biblioteca, na secretaria, na sala de secagem de ervas medicinais, na de cura, outros na cozinha, outros na limpeza geral. Lá chegam buscadores com sede de aquecer o coração e vencer velhas mágoas, o que conseguem pouco a pouco, quase sem se darem conta, conforme suprem necessidades de pessoas e da natureza e fazem a vontade do Pai, deixando-se guiar pelo Espírito.

A cássia-imperial é um imã, unifica as formas, percebe e registra qualquer coisa passada entre os muros da comunidade, cumpre à perfeição

seu papel vegetal: sente, participa, responde, irradia. Mora no centro do jardim florido em todas as estações. Quem entra pelo largo portão é acolhido por uma alta escultura branca de Nossa Senhora das Graças. Entre a cortina de folhas variadas por trás dela, logo os olhos afagam a copa arredondada da cássia-imperial, cujo quieto esplendor afasta indiferenças, faz escamas caírem de olhos cegos e os abre em interjeição: *Oh! maravilha!*

Em redor da árvore há um largo banco de tijolinhos. Na sombra fresca, cães dormitam e grupos se assentam. Lado a lado, dezenas de cabelos negros, brancos e véus de monjas ressaltam os cachos das flores tingidas de ouro. Banhadas pelo verdor, almas em júbilo crescem em aspiração e invocam Emmanuel que, em hebraico, significa "Deus conosco". Ali oram várias vezes ao dia, em certos horários, com ritmo. A árvore gosta de ritmos e rituais. De seiva submissa às fases lunares, é dos ciclos, segue os cósmicos, é da chuva, é do tempo, é do sol e das estrelas.

Chama flamejante, encanta e inspira músicos a compor finas melodias debaixo dos ramos frondosos, além de consolar necessitados. Vimos chegar um senhor cabisbaixo, cansado de existir em sonolência automática. Atraído por emanações perfumadas vindas da brisa que roçara pétalas da cássia antes de envolvê-lo, sentou-se debaixo dela. Só. Podia tocá-la com os dedos. Passou a vê-la, avaliá-la, esquecendo-se de si e

do medo. Estremeceu de leve, o frêmito, o breve suspiro de alívio. Um trabalho secreto se fazia no jardim. Era da cássia, a chama vegetal a se insinuar nele para relembrar-lhe como criar asas para voos futuros. Abraçou-o como a um filho, até ele desabrochar e sorrir, reconfortado.

Na vida em festa, a felicidade é dar. Escola de silêncio maternal, a fecunda imperatriz ensina quem quiser a distinguir o brilho, o tom e a forma de cada folha, a diferenciar plantas ornamentais de ervas medicinais e aromáticas, a suplantar as próprias aflições ao serem retiradas capas e máscaras para estar puro diante do jardim. Luminosa revelação da alegria, as flores, ardentes como centelhas, abrem corações, nutrem passantes.

Outra seria a história se, há muitos e muitos anos, uma jovem atenta, com uma enxada na mão, não se tivesse defrontado com o arbustinho. Viu-o. Reconheceu-o. Sondou a memória infantil e lembrou-se da textura e forma de uma galhada madura, escalada em menina com a irmãzinha. Inspecionando a arvorezinha disfarçada de quase mato, constatou que os galhos insignificantes revelavam um tesouro: *Sim, é a árvore em que subia na infância, o patinho feio do reino vegetal*. Saiu a anunciar a descoberta para a coordenadora do mutirão de limpeza da área, assim protegendo a árvore-bebê da fúria da poda indiscriminada. Um anjo da guarda colocara a sensível jovem bem em frente à futura regen-

te do jardim. A cássia-imperial cresceu, o banco redondo foi construído debaixo de sua copa, e ambos se tornaram o ponto no centro do círculo, a expressão da unidade, da alma se dirigindo à Mônada. Diz a salvadora: *Seu tronco une infindáveis folhinhas e, se uma é machucada, a essência sente. Este ano medi seus cachos de ouro, magníficos 60 centímetros de queda. Cada cacho é o símbolo de um grupo fraterno.*

O sistema radicular da árvore, sua parte oculta, gera a parte de cima. A pulsante vida das raízes são como galhos submersos e a ajudam a equilibrar-se. Já as raízes superficiais retiram alimento do solo e fazem o profundo desabrochar à luz do sol.

A jovem, hoje senhora, reflete: *Há tanta gente precisando de tanto, há tanta... Tomemos a árvore. Ela é como o sangue da vida correndo em cada um de nós, que nos motiva a avançar seja em que condição for, manifestando força além de toda carência. Assim como ela mergulha as raízes no solo, precisamos mergulhar-nos em nosso próprio âmago para, depois, exprimir na superfície os nossos dons, quem realmente somos. Neste momento, trago as bênçãos que estamos recebendo nas aparições públicas dos Mensageiros Divinos, Cristo, Maria e São José. Eles nos sustentam e nos trazem a seiva propícia, pois conseguem ver nosso interior e sabem de que transformações e alimento necessitamos. São como o sistema radicular periférico. Se quem sofre soubesse...*

Ouvindo-a, fomos sendo enraizados, tornando-nos verde-folha, abrindo-nos em flor para, assim como a imperatriz do jardim, acolher gente, bicho, beija-flores, abelhas e borboletas brancas.

Ter a farmácia natural nas mãos

São irmãs, as duas senhoras. Certos vocábulos sutis relativos a plantas podem ser-lhes aplicados: leves, porém enraizadas. Têm atributos verdes. Parecem frágeis arbustos delgados, mas com a fortaleza delicada de quem gera abundância em reverente lida com terra, sementes, passarinhos. Têm tal comunhão com folhas, flores e raízes que intuem suas necessidades, ações e reações. Trabalham com agricultura e comércio de grande demanda de ervas condimentares orgânicas, levando para cada cliente, restaurante, supermercado ou lar o poder de cura natural cultivada com alegria e consciência.

Durante uma tarde de sábado, revelaram-nos passagens de suas vidas e impressões sobre a natureza, a interpendência entre o micro e o macro, em que nada se sobressai a nada: *Tudo está interligado em uma cadeia perfeita. Nossa alegria é reconhecer a presença sagrada e ser um dos elementos da Criação, apenas um elo da vida disseminada pelo Cosmos. Alguém planta um abacateiro. Das nuvens um tucano enxerga um abacate maduro caído e se atira em*

um voo-seta para ir saboreá-lo; mistura-se com as folhas ao pé da fruta, deixa dejetos que nutrem o solo, que por sua vez nutre a árvore, que produz frutos que nos dão glicose. Um alimenta o outro, e o ciclo se fecha. Quando favorecemos a expressão de um reino, os outros, por consequência, se manifestam com mais perfeição.

As irmãs nasceram de uma mãe orgânica, sintonizada com a natureza e salva por uma árvore. Em uma noite estrelada, entre montanhas, o pai e a mãe, em seu viver poético, ficaram com o carro preso na lajota de pedras em uma baixada onde escoava um riachinho da altura de um calcanhar e com um metro de largura. Uma aguinha à toa, pensaram. Lá dormiram sob o luar, aguardando o socorro do dia seguinte. De madrugada, a mãe foi despertada por chuvas torrenciais, percebeu o risco, tentou abrir a porta, mas a água subira e não deixou. Impulsiva, desceu o vidro, se atirou e foi sendo levada pela correnteza. Jogada para lá, para cá, tentava agarrar o mato a lhe escoar das mãos. Por vezes, distinguia sombras em meio a clarões da tempestade. Teve medo de morrer afogada, e pediu que fosse breve. Foi sendo levada. Ao cintilar um relâmpago percebeu a sangra-d'água, árvore comum em beira de córrego, que dá uma tinta vermelha. Com muitos galhos saindo das raízes, nela reconheceu a salvação. Juntou forças, firmou o pé em tremendo esforço para dar o impulso e se entregar ao colo seguro das galhas. Bebera tanta água, tanta entrara pelos ou-

vidos, pelo nariz... desacordou com a enxurrada correndo pelo pescoço. Pernoitou no ninho até ser despertada pelo canto de um passarinho e o chamado longínquo do marido.

Os pais tiveram dez filhos em 12 anos. Para levar adiante a numerosa família, nascida em tão pouco tempo, criaram normas e procedimentos limitando o espaço para cada um se posicionar. A educação rígida os preservou dos descaminhos da globalização dos jovens da época. Enquanto outras crianças iam para clubes nadar, comer cachorro-quente em lanchonetes, os irmãos eram levados para o sítio, brincavam de fazendinha na terra, piorra de eucalipto, comiam alface da horta, tomavam banho de mangueira, dividiam frutas com cachorros andarilhos. Elas dizem: *No mato, lavamos a mão suja com sereno de folhas ou na chuva. Isso é ser orgânico, sem o sentido capitalista de abrir uma torneira*. Em visita à Bahia, uma irmã ficou quatro dias conversando com uma amiga entre galhos de um cajueiro. Mordiam a fruta madura ao lado de sanhaços que bicavam os cajus.

Dessa educação surgiu a sede de uma expressão mais consciente. Concluíram a universidade e cada uma seguiu seu caminho até, na mesma época, ambas precisarem virar a mesa. Uma, saindo do casamento com dois filhos para criar, a outra exausta de atender caprichos de clientes. Decidiram: *Compramos enxadas, pás, e pusemos a mão na massa. Queríamos lidar com a natureza, cultivar de forma natural*.

Desde o início não aceitaram a conceituação formal e acadêmica do agrônomo, mas buscaram seguir informações de pessoas humildes. Retornaram à origem mineira do homem do campo, simples, puro, chamado caipira, com conhecimento de gerações e gerações. Aprendiam com a sabedoria inata da cozinheira que as viu nascer. Inocente, considerava essencial tomar a primeira chuva de verão na rua, fazer uso de pétalas de rosa na pele, nunca chegar para trabalhar sem levar uma flor plantada por si mesma. Tinha a farmácia natural nas mãos: para dor de cabeça, tal erva; dorzinha de barriga, tal chá; para diarreia de crianças e bezerros, chá de folha da pitanga mais soro caseiro ou supositório de talo de couve aquecido. Elas prosseguem: *A natureza tem tudo o que a gente precisa. Inventaram uma confusão de shoppings, coisas da China, supérfluos...*

Enquanto a mãe terra é devastada, é palco de tragédias, ambições e chacinas, elas se deixam guiar por leis superiores e universais, regentes da vida terrestre e construtoras do novo mundo, que brotará após a queda da atual civilização.

Atentas a sinais, dão passos cautelosos para manter a qualidade, a fertilidade e a produtividade. Plantam, semeiam e colhem ervas para revenda na suave encosta arborizada de uma montanha voltada para o leste, banhada do sol matinal. Não desmatam para plantar. Agem como aprendizes: *A gente vai deixando a natureza mostrar. Há uma árvore ali, vamos experimentar plan-*

tar debaixo dela. A área sombreada poderia trazer limitações a alguma espécie vegetal, mas ali tudo caminha com harmonia e equilíbrio, sem pragas nem infestações, o que surpreende técnicos ligados a outras exatidões em áreas agrícolas. O controle de pragas é feito pelas próprias plantas. São aplicadas caldas, cada vez menos a cada ano, feitas como em antigas estórias de caldeirões de ervas da bruxa: misturam folhas de angico, santa bárbara, tagetes, erva-de-santa-maria e também a pita, para a combinação aderir às plantas. Pedem licença ao ar pelo odor desagradável e deixam-nas macerar uns dias.

Não fazem um trabalho de espoliação, todos têm sua vez, colaboram em todos os níveis. Por exemplo, ao considerarem os funcionários como companheiros de jornada, matam a sede de união de todo ser humano. O resultado leva à paz e à fraternidade.

Para fertilizar o solo, vão espalhando baldes e baldes com cascas e sementes de frutas. Explicam: *Quando entram em decomposição, seu odor não é de lavanda, mas não é desagradável e atrai uma cadeia alimentar: insetos, micro-organismos, bichinhos, como a lagartixa, uns se alimentando dos outros*. Para limpar os baldes, não usam produto químico nem água: pedem licença para colher a viuvinha, trepadeira nativa de flor roxa e folhas ásperas, e com ela fazem uma bucha para a higiene.

Preparam a terra da semeadura, feita em saquinhos ou bandejas, com misturas em partes

iguais de terra do composto, da mata e esterco de gado: *Mãos e corações humanos se unem aos outros reinos, à terra mineral, aos restos de folha e ao reino animal: insetos nativos, fungos. No princípio tínhamos um minhocário, mas demos alforria para as minhocas, soltando-as nos canteiros para trabalharem livremente. A liberdade de mover-se iguala os animais, inclusive as minhocas.*

Uma relata a expansão de consciência quanto a segredos minerais há muito esquecidos: *Fomos educados ouvindo que o reino mineral é inanimado, mas um dia passei por uma montanha enorme e percebi um coração pulsando ali. O contato aflorou algo em mim, que refletiu na melhoria do preparo do solo para plantio, no sítio. Reconheci o quanto a forma coesa do reino mineral é viva, apesar de expressar outras leis. Cada grânulo do solo tem importância e, unido a outros, absorve nutrientes trazidos por micro-organismos, criando condições de fertilidade e permitindo o fluir da água entre eles.* Mesmo produzindo há 25 anos, a análise de solo da área mostra uma terra perfeita, equilibrada.

A parte comercial da pequena organização é uma consequência natural da busca espiritual de ordem, ritmo e serenidade que gera uma energia consciente e pura, tanto tocando quem se alimenta daquelas ervas como quem trabalha com elas.

Encarregada da entrega, uma irmã explica à clientela: *Não queremos vender só um dia, mas enquanto estivermos produzindo e vocês consumindo.*

Não queremos o dinheiro rápido do comércio pelo comércio, mas ser companheiros. Perguntam: *O que há de novidade? Lá deve ser lindo!* Ela anuncia: *O cultivo orgânico não é como o de canteiros certinhos vistos em fotos. Lá reina a diversidade: um pé de mamão aqui, uma planta miúda ali, um bicho pequeno, um maior além.*

O sítio recebe visitas de escolas. As professoras apontam folhas do chão e explicam que não é sujeira, mas alimento para a terra. As crianças passam a sentir aromas, a conhecer fogão a lenha, serpentina, portas com tramelas que não precisam de fechadura. Observam o companheirismo e a afinidade das plantas: a gameleira parece uma jiboia, abraça árvores e coqueiros. *Gente, vai matar. Mas não mata não, crescem junto.* Observam beija-flores hipnotizados pelo néctar das flores alaranjadas da enorme árvore mulungu, repleta de tão ruidosas maritacas que dificultam conversas ao telefone e entre gente. Os alunos descobrem os morcegos como um dos maiores reflorestadores naturais, pois eles, após ingerir os frutos, descartam as sementes que vêm a germinar. Aprendem que, a grosso modo, os morcegos se dividem em três tipos: os frutíferos, os que gostam de insetos e os que fazem uso do sangue e vivem mais em cavernas.

As irmãs ouvem cantos de periquitos, cigarras chamando chuva na época de se acasalarem, galinhas a cacarejar, estalidos de folhas secas no chão. Nunca arrancam nem destroem, mas co-

mungam com a imensidade de expressões de vida. Em diálogo espontâneo do coração, vão falando com a terra, com as mudas, pedem licença às plantas antes de colhê-las para vender. E as ervas se alegram por não apenas elas, mas também os humanos, serem orgânicos.

Perdoai-lhes, eles não sabem o que comem

Passaram-se muitos anos até as duas amigas, antes chamadas de pessoas comuns, se reencontrarem. Nesse ínterim, cada qual a seu modo despertou para a paz e vem aprendendo a amar a natureza e os animais. Uma, ex-fazendeira de gado de corte e leiteiro, chegara mesmo a acreditar que os amava. A outra raramente lhes lançava um vago olhar.

Com a voz embargada, a segunda amiga relembra a infância: *Nunca tive contato com animais. Na minha família ninguém gosta deles, minha avó os detesta. Até fiquei surpresa, há dois anos, ao encontrá-la separando comidinha para um cachorro... Sempre tive medo de tudo. Por cachorros então meu horror triplicava, pois diziam que percebem quando a pessoa os teme e avançam nela.* No entanto, ela gostava de ir à praia, que seria perfeita caso não tivesse areia, e até mesmo se molhava no mar, apesar do pavor. Então, engravidou de uma pequenina vida, enviada como mestre. E, na praia, o filho, seu oposto, rolava na areia, a levava à boca, ela nervosa, ele felicíssimo.

O filho nasceu vegetariano. Ela, ávida por carne, frequentava churrascarias, ia a churrascos sem perceber quanto esse movimento é contrário à sutilização, à evolução humana, até, ao ler um livro sobre vegetarianismo e ocultismo presenteado pela mãe, uma chave girar em seu interior e suspender o consumo da carne vermelha. Se insistisse, sentia-se tão pesada que a aboliu de vez, apesar de a sogra, possessa, nunca ter aceitado o vegetarianismo da família. Ao contrário, ofereceu carne moída para o neto afirmando ser soja. O menino percebeu na primeira garfada e, chocado, baixou os olhos. Um abismo se abria entre eles. Atingido pela desconfiança na matriarca, afastou, mudo, a mentira para um canto do prato, bem devagar.

Amante de pássaros, seu filho insistia em terem um bichinho. Com esforço ela aceitou Jujuba, um peixe vermelhinho. Depois, colocou ao lado outro aquário com Beta, que saltou da água e matou Jujuba. Peixe, nunca mais!

O inabalável menino sem irmãos, criado em apartamento, perseverou com o pedido. Afinal, a mãe aceitou cuidarem, após o desmame, de uma cadelinha recém-nascida doada pela vizinha. Diariamente, o encantado garoto visitava o tiquinho de vida chamado Mel. Sem avisar, apareceu com a mini peludinha lustrosa nos braços. Soltou-a na sala. Apavorada, a mãe correu, subiu na cama, e o marido precisou alertá-la: *Olhe, olhe bem de quem você está fugindo.* Assim sendo, deu

tempo ao tempo para se desinibir, quebrar aversões, e a casa passou a girar em torno da filhota. Enquanto velhos pavores ruíam, a doce Mel a fez experimentar o amor incondicional pela primeira vez. Se o pai, a mãe ou o filho saem por dias ou por cinco minutos, a cadelinha aguarda o retorno com a mesma efusão e festa. Parece ler pensamentos. Sem dúvida, Mel sente o astral; ela constatou e pôs-se a imaginar como a cachorrinha veria as ondas de cores de sua aura caso ainda se alimentasse de carne. Assim, por respeito aos animais, Mel a fez confirmar os votos como vegetariana.

Imersa em lágrimas, ela relatou para a ex-fazendeira durante o encontro das duas amigas: *Eu tinha uma vidinha minúscula até visitar uma comunidade-luz. Dois dias depois de chegar, deparei-me com eucaliptos altíssimos. Olhei para o topo, olhei para as folhas. Nunca enxergara uma árvore. Súbito, caíram todas as minhas fichas: "Ó Deus, que vida é a minha? Onde estive?" Comecei a chorar tanto, à noite, madrugada a dentro, tanto, que não consegui sair da cama no dia seguinte, com dor de cabeça. Tive uma explosão de consciência.*

Estava estarrecida, o poder vegetal a penetrava, sua magnitude, sua beleza. Foi para um lago mergulhar os olhos em reflexos das longas sombras de plantas nas águas, em paciente contemplação: *Meu Deus, isso é o paraíso!* Ressuscitava. A nova terra se revelava, a vista girava, as cores vibravam, os seres tinham alma! Maravilha,

tudo é vivo, tudo fala! Daí em diante, aos poucos, preconceitos e uma visão religiosa ancestral foram sendo modificados. Mesmo na cidade, entre motores das ruas, sua consciência continua a se alargar quando se une ao silêncio do amanhecer, ao mar de cristal, a galhos dançantes. Sente, descobre. Alheia ao consumismo geral, faz orações pelas árvores e por toda vida terrestre, aquática, aérea que afague com o olhar.

De carro por rodovias, hoje sua família observa perplexa, de coração rasgado, caminhões carregados de animais indo para matadouros. A mãe reage aos degradantes encontros: *Como a humanidade pode levar animais para matar, ser tão cruel e egoísta?! A maioria come carne e nem pensa, nem sabe o que está comendo! Sinto profunda dor por tanta indiferença.*

Por fim, a família aprendeu a refletir e compreendeu: quando a humanidade parar de comer carne, toda a carência e a condição planetária serão revertidas.

A maior parte dos homens está presa às coisas materiais. Quanto mais afunda na matéria, mais se envenena com futilidades e se desliga da essência. Com preconceitos de ferro, vive para possuir, comprar, adquirir, sem sequer comungar com as gratuitas belezas naturais: vou comprar um sapato, uma bolsa em tal loja, viajar para a Europa, ver tal filme, tal museu. Enjaulados pelo consumismo, reclamam: *Ai, ai, mais uma vez fazer uma audiência, uma publicidade para o cliente, consul-*

tar pacientes, tenho de vender o apartamento, comprar uma geladeira duplex. O assunto é um só: dinheiro, ganhei, vale tanto. Nem sequer é explicado às crianças que em seu prato está um pedaço de animal assassinado: a língua de um boi, a costela de um suíno, o coração de uma galinha! Contemos-lhes a verdade. Crianças mais puras e elevadas estão a nascer, porém vêm sendo obrigadas a comer o cadáver de animais. É preciso mostrar-lhes de onde provém essa dieta, e que o reino vegetal pode suprir tudo o que é necessário para o corpo humano. Crianças conscientes jamais voltarão a se alimentar do sofrimento animal.

O materialismo tem feito homens ficarem piores a cada dia, e muitos estão a voltar à selvageria. Como as forças negativas soltas pelo mundo sabem quanto os reinos da natureza transformam as consciências e abrem os corações, trabalham arduamente para endurecer as pessoas, distraí-las com desejos e políticas, torná-las céticas, estimulá-las ao crime, ao ódio, à competição, à corrupção.

A crise planetária se amplia rapidamente: extinção em massa, escassez de água, oceanos cada vez mais ácidos morrem, a saúde pública anda mal, poluição, gases de efeito estufa, desmatamento, desertificação, fome. O maior responsável por isso? Os 70 bilhões de animais terrestres e um número muito maior de aquáticos abatidos para o consumo de um planeta com sete bilhões de habitantes, mas nem todos carnívoros:

600 milhões são vegetarianos, e outros milhões morrem de fome. Dados científicos e de instituições de pesquisa gritam sobre o alto impacto da alimentação carnívora em ecossistemas: uma área equivalente à África é usada como pastagem, outra área, maior que a Austrália, é destinada ao cultivo de grãos para a pecuária... Raciocinemos: por que o governo, mesmo sabendo do grande mal provocado pela pecuária, incentiva e concede subsídios a essa atividade, que ocupa grande parte do território nacional? E esconde a sete chaves tais informações do povo?

Quando as duas amigas se reencontraram, haviam passado, cada qual a seu modo, por contundentes explosões de consciência.

Diferente da outra, a ex-fazendeira sempre fora íntima da natureza. Amorosa com flores e frutos, levava gatos e cachorrinhos abandonados para casa. Sua maior satisfação era ajudar o parto de um animal de qualquer porte. Contudo, jamais imaginara quanta dor lhes impingia ao matá-los, nem o mal provocado à saúde humana e ao planeta pelo alimento animal que, por gerações, a família ingere. Como tios e primos têm açougue, nunca raciocinara sobre o que vivenciam. Matar e comer carne era o comum, o "normal".

Ao se casar, a primeira compra do casal foi um *freezer* para congelar a carne de um boi morto a cada seis meses na fazenda, especialmente para a sua casa. Ainda hoje, isso prossegue entre os

parentes. Não compreendia como os pais de um priminho de sete anos aceitaram a decisão do filho de parar de comer carne; achou aquilo um absurdo, criticou-os. Quando certa manhã encontrou na cozinha poças do sangue descongelado escorrendo da geladeira, ficou furiosa com um sobrinho de dois anos que, sem querer, desligara a tomada.

Incontáveis vezes levou gado para ser morto no antigo matadouro municipal que, no futuro, se transformaria em um canil atraente chamado Parque Francisco de Assis. Ficava ali pelo prazer de ver seis, sete vacas entrarem no corredor para ter o pelo desinfetado antes de ser suspensas vivas por uma única perna, aos urros de pavor. A fazendeira ria junto aos presentes: *Olha aquela, olha a outra*. Às vezes, começava a se comover, mas as pessoas em volta diziam: *Você tem de ser forte*. As forças contrárias bradavam, insolentes: *Isso não é nada, passa logo, vaca é assim mesmo, é normal, na natureza é assim*... Assistia à machadada dada na cabeça para desmaiarem, e o açougueiro enfiando o longo e afiado punhal de coração em coração.

Com pesar, comentou com a amiga: *Nem consigo imaginar como eu fazia parte daquele cenário. Achava tudo tão normal, normalíssimo. Para matar galinhas, eu usava dois métodos: estrangular ou cortar a cabeça. Minha mãe ia me ajudar a matar os porcos. A maldade era ainda pior, mais triste, os gritos, eles queimados vivos para facilitar a retirada da pele. Como eu*

era sempre disposta e animada, recebi um convite dos homens: "Você terá a honra de matar uma vaca." No curral, dependurada por uma perna, a vaca suplicava, mugia pedindo socorro. Olhou-me... os olhinhos dela, meu Deus, um olhar de desespero que guardo até hoje. Dei a machadada na cabeça, enfiei o punhal de abate no coração, tirei rápido o coro com a técnica correta, uma barbárie. Guardei aquele olhar triste no coração, os rugidos de dor se prenderam dentro de mim. Senti remorso. A partir daí, não podia participar das matanças, apesar de ainda ter demorado uns oito anos para parar de comer carne. Nesse período, as coisas não andavam bem na minha vida; sempre enferma, ou era muito tensa, ou era muito triste.

A amiga fazendeira já não os assassinava há seis anos, quando surgiram vegetarianos em seu caminho, e ela interessadíssima: *Como assim? Você não come carne, e a proteína que só existe nela?*

Em uma viagem foi convidada a visitar uma faculdade de medicina. Levada para conhecer a sala com defuntos humanos congelados no *freezer*, nos quais alunos faziam estudos de anatomia, chocou-se pela semelhança daquela carne negra com a da vaca preparada pela mãe, que tanto apreciava. Saiu da sala passando mal, muito mal. A partir dali já não podia mais comer carne vermelha. Aos poucos foi percebendo-se menos estressada, podia controlar mais os pensamentos, o intestino funcionava melhor, a digestão, porém, ainda por seis meses se alimentou de peixe e carne de frango.

Nela moviam-se forças de transformação, a possibilidade de renascer. Passou a ler textos filosóficos atuais, evolutivos e espirituais e, surpresa, questionava os amigos, pois questionar é preciso, que replicavam: *Imagine a dor gerada para você comer a perna de um frango.* Numa seis horas da tarde, ouviu uma frase inesquecível: *Você acha que o desespero do peixe que sai da água em frenesi, abanando todo o corpinho, significa: "Oba, estou sendo morto!"* No mesmo instante, decidiu. Já não podia devorar carne morta. Acabou, parou.

Em uma conversa aberta, explicou para a família a recente decisão de se abster de qualquer comida obtida pela morte de animais. Por meses e meses, de um lado, amigos a orientavam com tranquilidade e calma, por outro, sofria a reação de crítica e zombaria da família. A mãe parou de dirigir-lhe a palavra por um ano. Mas atualmente a família a aceita. Ela conclui: *Sempre almejei a paz, mas como consegui-la se eu contribuía para o derramamento de sangue?*

Hoje, atrai abelhas e borboletas. Para se salvar, separou-se do primeiro marido, mudou de cidade, mudou de país. Passou a reparar o carma adquirido devotando-se ao serviço à evolução. Trabalha com o esposo em produção orgânica, protege a terra e garante sua fertilidade para gerações futuras. Montaram um herbário, plantam frutíferas e flores, colhem mandioca, batata doce, milho, feijão, amendoim, melancia, melão... têm quase completa soberania alimentar. Ela, que

sempre amou animais e almejou a paz, semeia e pede misericórdia, muita misericórdia pela ignorância das criaturas humanas que consideram normal matar e comer bichos.

As amigas silenciaram, com olhos marejados e brilhantes. Dois corações risonhos haviam florido para a ampla visão altruísta adquirida, apesar da imensa resistência social de fundo egoísta. Dois corações sorriam por estudar, orar e se identificar com leis ocultas da natureza, não físicas. Os lábios, os pensamentos, cada célula de seus corpos comungam com a vida sagrada, alegres por, graças a Deus, já não serem "normais".

A casa dos 14 gatos

A mais antiga lembrança é de trinados distantes. Desde criança ela sabia nomes de passarinhos e ia de árvore em árvore atrás de gorjeios. No decorrer dos anos aprendeu uma profissão: socorrista de aves. Cortava as pontinhas das asas do canário com quem tinha o maior diálogo olho a olho e que lhe entregava a cabecinha ao carinho, quando um gato o abocanhou. Nunca tivera empatia por felinos, e o incidente a apartou deles de vez até, passados anos, em um hotel... uma descendente selvagem de jaguatirica, arredia aos funcionários, proprietários e clientes, vir de levinho a seu encontro. O marido, que se afina com os gatos, segredou-lhe: *Veio pedir seu carinho...* Timidamente ela a tocou, primeira apalpadela em um pelo de seda. Tão macio! O tempo parou. Sem pensar, levou-a ao colo. Nenhuma agressividade, apenas um silêncio profundo a fez selar o pacto, em voz alta: *Estou pronta para resgatar meu carma com essa espécie que não amo.*

O destino pôs em seu caminho a gata da vizinha. A princípio, Anita chegava miando só para

comer, roçava as pernas do marido e pulava o muro de volta. Acabou ficando. Outro fato marcou-a. Uma arisca parenta de gato do mato de instintos aguçados defendia a loja de uma amiga como um cão. Por genética, a gata de pelagem manchada como uma onça-pintada reagia e mesmo já atacara gente agressiva e de má índole. Dela aproximou-se com pura meiguice. Surpresa pela cena inusitada, a amiga insistiu para ela cuidar de um gato... *Nesta altura? Não tenho conhecimento nem afinidade...* resistia. No entanto, aos pouquinhos, abriu-se como uma rosa e fez a entrega ao futuro: *Se for para eu cuidar de algum, aparecerá.*

O universo, perfeito, respondeu-lhe. Era véspera de Natal quando a filha levou para a casa dos pais uma gata moradora da esquina, quase atropelada por uma moto. A socorrista de aves e a gata se entreolharam; a socorrista viu tristeza no fundo das pupilas brilhantes e lhe explicou: *Não sei cuidar de gatos, não tenho ração, mas isso consigo, e te deixarei um tempo naquele banheiro. Caso se comporte, será acolhida.* Foi dar-lhe um banho, tirou-lhe os nós do pelo e batizou-a de Liz. Ao nela descobrir feridas abertas por toda a boca, levou-a à veterinária. Tinha aids de gato, e não poderiam ter outro em casa. Entretanto, naquele mês ela e o marido instalavam um cotidiano orante. Ainda em recuperação, Liz viu-os dependurar um *banner* do Cristo Misericordioso e outro de Maria, pondo-se imediatamente bem quieta diante das

pinturas, alheia ao entorno, o olhar a penetrar dimensões além da superfície, invisíveis à visão humana comum, pois felinos veem o astral. E a tutora assistiu à Liz ir sendo curada.

Guiada pela vontade da alma e pelo reino dos felinos, ela lançou-se decidida ao compromisso de salvação. Como companhia para Liz, resolveu adotar duas bebês abandonadas, uma delas bravíssima: *Trouxe duas filhinhas para você cuidar: Cristal e Aurora, uma guerreira*. Logo após, a veterinária das três apresentou-lhe Chiquito, um gato atropelado, cujo dono ali o deixara por pena de encaminhá-lo para ser sacrificado na zoonose. As patas dianteiras precisariam ser amputadas. *Farei de tudo para salvá-lo, mas só o doarei a vocês*, afirmou. O olhar "*me leva embora daqui*" derreteu o coração da tutora, que aceitou acolhê-lo e invocou: *São Francisco de Assis, toma conta do Chiquito!*

Atenta a sinais do livro da vida, aprendia a ser uma boa mãe humana de felinos, a aliviá-los da dor e a desenvolver-lhes a inteligência, interagindo com eles através de atividades lúdicas simples, mas que provocam resultados profundos. De início, Chiquito era ciumento, queria os brinquedos das meninas, o que se dá em adultos maltratados e com muito medo dos humanos, mas alcançou tal transformação que, agora, ama frutas, abacate, tomate.

A filha cuidava de gatos de uma redondeza onde moradores estavam para envenená-los, reclamando de carros riscados por unhas. Certo

dia, implorou para sua mãe socorrer a moradora de um bueiro. Ela negou, pois não terminara a adaptação de Chiquito, ainda vivendo no banheiro até os outros felinos da casa se habituarem a seu odor: *Vida ou morte, mãe!* Cedeu diante da urgência e respondeu *sim*, abrindo as portas para Mica, abreviação de Michael. Levou-a para ser avaliada e castrada, a rotina para os recém-adotados. Mica tinha um tumor no fígado e, por estar sem os órgãos sexuais, supôs-se ter sido jogada na rua por um laboratório. Nunca se soube se é macho ou fêmea, mas foi das que mais se transformaram e participa, com Liz, de orações e estudos filosófico-espirituais.

O sonho de criar um gatinho preto realizou-se depois da queda e internação de Cristal, a olímpica escaladora de arbustos, árvores e armários. Peter, um bebê pretinho cheio de encantos, chegou muito enfermo, mas com fé ela lhe assegurou: *Peter, você vai se salvar!* Cheia de amor, conectou-se com Deus: *Ensina-me o que fazer do lado de cá para Te ajudar a curar Peter.* O bichano recebeu auxílio exterior e interior. Para aliviá-lo, hidratou-o com soro e ativou as correntes elétricas do corpinho com cromoterapia. A cura acontecia, enquanto a caridade fraterna fundia corações humanos e felinos.

A história de Mica se repetiu. A cuidadora de bichos do bairro lhe telefonou por causa de uma gata que estava para ser assassinada em um prédio. Em prontidão, ela não hesitou, desmar-

cou um compromisso e correu a resgatá-la, apesar de estar faltando espaço para o processo de adaptação. A bichana, nomeada Nina, levara uma paulada tão forte naquele dia que a veterinária encontrou fetozinhos mortos dentro dela mas, como tinha leite, garantiu ser mãe de outros recém-nascidos. A tutora afirmou convicta: *Nina, Deus há de trazer seus filhotes de volta.* A chuva caía sem tréguas, quando a cuidadora, em árdua busca, encontrou-os boiando geladinhos em uma piscina abandonada, semimortos. Mansa, humilde, olhos nos olhos, Nina agradeceu a chegada dos dois filhinhos. A menininha ronronou ao ser aquecida em panos, foi acalentada por braços femininos, mas não resistiu à pneumonia provocada pelo frio. Semeada de amor humano, sua essência partiu para a grande alma-grupo dos felinos, morada para onde retornam ao desencarnar, levando cada experiência vivida no mundo concreto, as boas e as más, ali compartilhadas com todas as outras essências. Fredinho, o irmão, sobreviveu e hoje é o abridor oficial das portas da casa, que também tem uma área alta dedicada à alimentação de aves.

Dia após dia, naquele bairro daquela cidade, aquele lar, que ama os Céus e coloca gatos e aves em primeiro lugar, vai se tornando um centro de cura. A tutora respondeu ao convite da selvagenzinha do hotel, a mensageira dos felinos que, em silêncio, lhe pedira para acolher necessitados. À medida que a consciência do casal amadurece,

a casa se magnetiza, passa a ser uma célula que plasma misericórdia nos éteres. No mundo interno, esse local une-se a outras esferas de serviço abnegado, formando assim um grande corpo de luz que se expande pelo planeta, auxiliando a chegada de um glorioso tempo de paz.

Inumeráveis gatos passam por sucessivos jardins e quintais até cruzar seu muro. O casal alimenta vários, castra alguns. Uma, prenha, escolheu dar cria no espaço das aves. Escondeu-se no sótão sem permitir aproximações, apenas aceitando um pratinho de comida. Num entardecer, o casal implorava a Maria: *Se for da Tua vontade, ajude-nos a cuidar destes gatinhos.* Súbito, do sótão cai Pedrita no chão, como uma pedra, assustadíssima. Rápido a levaram para ser abençoada pela Criadora da Natureza. A maternal Nina, mãe de Fredinho, aceitou adotá-la com seu leite. Na mesma semana, uma vizinha bateu à porta com certo filhote angorá caído do telhado. Também resgataram do sótão a irmã de Pedrita: Tiffany, apelidada Titi. Finalmente a indomável Preta, mãe de Pedrita e Tiffany, decidiu integrar-se ao grupo. Dias animados!

Uivando no muro, Leãozinho foi o último a chegar, com cara de gato persa, corpo pelado, só um pompom na ponta do rabo. Ela encantou-se e disse ao andarilho, musculosinho por tanto caminhar: *Menino, deixe-me cuidar de você.* Ele negou. Meses se passaram até reaparecer às quatro da manhã, brigando e miando. Ela levantou-se, su-

biu a escada até o muro. O arredio gato de rua hesitou, mas avançou, deixou-a tocá-lo! Trouxe-lhe comida e carinhosamente o pôs na caixinha de transporte para ser castrado após amanhecer, explicando-lhe, como faz com cada um, quanto sua vida seria alterada, mas para o bem. Leãozinho entrou sujo e malcheiroso como uma zebra na veterinária, que diagnosticou uma dermatite alérgica de pulga, recomendando um especialista. Assim como Anita, Liz, Cristal, Aurora, Chiquito, Peter, Mica, Nina, Fredinho, Pedrita, Titi, Neném e Preta, Leãozinho foi curado sem precisar do especialista.

Humanos e felinos conversam no idioma incontestável do coração. Humanos pronunciam palavras, felinos respondem com silêncios, miados, gestos, orelhas, caudas, olhos. Parte dos 14 gatos vive na área externa, outra em casa, nenhum vai à rua, um perigo. O casal lhes oferece um espaço saudável e orante para auxiliar seu desenvolvimento. O ambiente pacífico tende a harmonizar entre si os de temperamento forte, ciumentos, irritadiços. Há os introspectivos e os agitados, os brincalhões, os amorosos. Entre eles há perceptíveis diferenças emocionais, de inteligência e espirituais. Uma forma de avaliar seus graus evolutivos é através da maior ou menor facilidade em responder ao próprio nome. São como os humanos, únicos e com enormes diferenças entre si mas, invariavelmente, misteriosos. Gatos são como minimotores de transmutação

de energias pesadas e, como ali desenvolvem a interdependência com humanos, trabalham com mais liberdade para acelerar a própria vibração e se sutilizarem.

Ao resgatá-los, ela se sente resgatada. Conforme os sofridos bichanos se alinham, demonstram dons recebidos do Criador. Ela observa: *Gatos são inspiradores, expressam amor e gratidão. Os mais evoluídos se conectam com mantras, cânticos, orações. Sem dúvida têm núcleos mentais e algumas alminhas começam a ser formadas. Ouvintes inatos, assistem conosco pela televisão às aparições públicas de Cristo, Maria e São José. Juntos, somos transformados por Suas elevadas energias. Nesses momentos, fazem certas posturas, como as de ioga, criam formas geométricas com os corpos, a estrela de cinco pontas, a de seis. Dos mais sensíveis animais da criação, suas caudas, bigodes e longos cílios são como antenas, captam energias do ambiente. Gatos irradiam a santa paz, ensinam-nos a contemplar, a meditar. Parecem monges.*

Três janelas para três montanhas

Na megalópole, ela chegava raramente à janela do apartamento. Sem olhos para ver coisas da natureza, no máximo aguava uma florzinha quase inodora, cujo vaso de plástico logo sufocava e matava as raízes. Ardia em inquietudes urbanas antes de instaurar a vida simples sonhada por tantos, realizada por poucos: mudou-se para uma cidadezinha no interior de um estado montanhoso.

Folhas secas foram suas primeiras instrutoras. Começou varrendo-as, encantada com detalhes e diferenças entre as formas. Plantou uma mudinha. Mais plantas aproximaram-se dela; reparava nelas aos poucos, aprendia nomes, cores das nativas e das do jardim, aplicações curativas. Gradativamente entrava na escola natural, participava do micro ao macro. Depois, elevou as pupilas para as copas, cada vez mais frondosas conforme mudava sua visão da vida. E passou a avistar animaizinhos, a alma sossegando.

É acordada por zumbidos. O rumor de abelhas carregadas de pólen anuncia-lhe o clarear do dia.

Vai até a janela comungar com o vaivém do enxame nos cachos floridos da palmeira do jardim. Acarinhada por feixes de sol, irmana-se ao verde, aos gorjeios, à fragrância do orvalho, dá bom-dia a flores recém-desabrochadas, carinho, beijinho de uma em uma, plena pelas companhias matinais. Um dia percebeu uma tensão anormal no ar. Olhando ficou até distinguir um ponto escuro pousado em um arbusto. Distante. De repente, aquilo fez um voo nervoso e foi pousar em um galho próximo: era uma abelha rainha, enorme. Na sequência, chegou um zangão negro apavorado, tentando se aproximar. Ela, impávida. Ele, buscando-a com inúmeros movimentos. Ela levantou voo, impaciente, ele atrás. Eletrizada, ouviu uma voz interna: *Você é privilegiada, acaba de assistir ao voo nupcial de uma abelha rainha.*

Sem sequer sonhar, por anos e anos fora preparada para adotar um cachorro. Não pediu, insistiram para ficar com um agitado filhotão de rua... que ingressou em sua vida com vigor. Por mais que desperte indisposta, a flama de vida do lépido cão a desanuvia, vira outra. Em convívio direto, aprende a se dedicar a ele, a respeitá-lo, a tratá-lo como gente.

Toda manhã, após cumprimentar os reinos animal e vegetal, vai trocar confidências com as águas do chuveiro. Funde-se à água e eleva-se ao Pai Criador, grata. Entoa mantras, entrega-se ao raio violeta, ao gigantesco Sol Central desta

Galáxia. E parte revitalizada para cumprir mais uma jornada de serviço voluntário, animados, ela e o cão.

∞∞∞

Em outra montanha, de outra cidade, amanhece. Um jovem abre as janelas para ouvir histórias da natureza viva. Gotículas escorrem nos vidros, que dão para o manto úmido de árvores e gramíneas, enquanto seus olhos se estendem ao horizonte brumoso, espantando trevas da noite. O ar é puro e leve, depois da garoa da aurora tamborilar nas folhas. Ele agradece. Ouve o ladrar de cães distantes, vozes de gente e motores de carros. Ele agradece. O gato mia baixinho para entrar no quarto, salta na cama para acarinhá-lo. Ele agradece. A casa mineral é construída de cimento, terra, tinta. Ele agradece. A chuva retorna serena, e a passarinhada comemora, esvoaça, pipila no topo da goiabeira em flor. Ele agradece. Recosta-se na cabeceira da cama, e seu pensar parte como flecha à morada dos resplandecentes regedores dos reinos da natureza, tão além do Sol. Cada qual em um astro? Cada um provindo de uma galáxia? Quisera saber.

Abençoado pela líquida manhã, coliga-se a ondas extraterrestres. Neste agora, o amor parece ser o único morador da Terra. Ora ao Senhor de todos os sóis e galáxias: *Sopra Tua Paz nos corações dos homens do campo e da cidade*, *sopra Tua Paz nos corações de animais livres ou enjaulados*, *so-*

pra Tua Paz nas plantas abatidas, nas águas poluídas, nas terras áridas, sopra Tua Paz nos corações de quem martiriza e nos dos martirizados. Amém.

∞∞∞

Ao mesmo tempo, a uma distância de muitos quilômetros, um casal pontual como o Sol e a Lua abre grandes portas para a varanda acima de um mar de telhados e centenas de janelinhas. Tocado por reflexos do sol nascente, dali de cima acompanha o panorâmico despertar citadino, observa minúsculos passantes e raros automóveis subindo e descendo ruas a quarteirões de distância. Expande a vista ampla para bairros se sobrepondo uns aos outros até escorrerem no vale verde, que dá na vastidão longínqua de uma cadeia de misteriosas montanhas. O casal corre os olhos límpidos ao encontro do horizonte multicolorido, dos flutuantes flocos brancos. Aprecia o escultor vento moldar anjos em nuvens imensas, uma coluna vertebral, uma cruz, um dinossauro, rostos, uma árvore, magias nunca repetidas.

Aquela vista foi uma dádiva do Pai, Sua resposta ao pedido feito pela esposa na antiga e escura cozinha da moradia anterior: *Pai, eu preciso ver o céu*. Em 15 dias o novo cenário se manifestou, a nova casa aberta ao poder de limpeza das tempestades, relâmpagos, trovões.

Das janelas, ela acompanha chuvas distantes descerem aqui, ali. Viu um dia de escuridão. As-

sistiu sem medo às nuvens negras quase tocarem os telhados, ao dilúvio, ao toró de pedras de gelo rasgando os ares, a quebrar vidros, telhas da vizinhança, forrando de branco varandas e quintais.

Fachos de luz branca rasgam nuvens e incidem sobre um único ponto, focam minúcias do vasto palco, como em um teatro. Há um arco-íris remoto sobre os morros. Há os dias de céu azul eterno em que só asas animam o celeste, pardais para cá, bandos de pombos da cidade para lá, gaviões flutuando bem alto. E, sempre, urubus negros planam, bem-te-vis esvoaçam, maritacas falam, falam, falam na ponta do telhado.

Ela percebe as diferenças de temperatura, estuda as vias invisíveis do vento manso ou raivoso, sente o júbilo do nascer do sol, renova-se ao meio-dia, entra em introversão ao sol se pôr, naquele aconchego de garças voltando para dormir nas copas das árvores.

Contemplar o céu é sua oração. Em conversa com quem chora, como com a senhora que perdera o filho, só diz: *Olhe para o céu, é a única coisa a se fazer na dor, olhe o infinito. E não perca a fé, tudo será curado.*

Tomava chá por volta das 4 horas da manhã e da vidraça da cozinha sentiu-se atraída por uma estrela imensa, maior que Vênus. Ali não era o lugar de uma estrela assim... Súbito, a luz desceu verticalmente e sumiu, a nave entrando na terra. De outra vez, o casal estranhou uma nuvem chumbo, pesadíssima, parada por mais de uma

hora acima da casa... até surgirem luzes verdes girando rápido por dentro dela, muitas. Ela e o marido, ombro a ombro, reconhecendo mistérios...

Após a noite ocupar os vales, o casal se recolhe à varanda. Quanto contraste entre o céu e a terra! O céu silencioso em incessante movimento. A terra quase estática, os prédios imóveis, as plantas presas ao solo, animais minúsculos, um ou outro carrinho passando lá longe. Embaixo, sombras e corredores de asfalto amarelado por luzes de postes em fila. Lá em cima, a grandeza do Universo e estrelas-diamante.

Quanta saudade do Cosmos. O alento da esposa é sintonizar com a vida vivida em outra galáxia... ou com a que viverá no futuro. Júpiter, ao ver Júpiter ela diz amém, amém! E o casal fecha as portas da paisagem e abre janelas para os sonhos.

Águas clamam: salve-nos!

Enxergamos a ínfima parte do que a natureza É. Os dispostos a buscar além da aparência crescem em amor para conhecer verdades ocultas que, um dia secretas, aos poucos vêm sendo desveladas. Aos olhos, a água transparente que escoa de uma torneira parece ser a mesma da cascata de uma mata. Entretanto, a ciência usada para o Bem começa a desvendar diferenças entre suas qualidades ao fotografar, através de microscópios, frágeis cristais congelados de águas de rios, lagos, geleiras, chuvas e torneiras de várias partes do mundo. O exame do extraordinário acervo visual transforma a consciência e leva-nos a reflexões.

Vivemos no Planeta Água, com 70% da superfície coberta pelo manto líquido, um símbolo do infinito. Nosso corpo tem esse mesmo percentual de água, mas, bem no início da vida, como fetos no útero materno, éramos 95% água. Somos cercados por mares, chuvas, rios. Seivas aquosas correm por plantas, folhas transpiram ou são enfeitadas por guirlandas de orvalho. A água nos banha, nós a bebemos e com ela lavamos rou-

pas e utensílios. Fluida e maleável, muda de estado. Purifica-se ao evaporar e flutua em forma de nuvens, nos céus. Torna-se geleira nos polos e cumes, gelo em geladeiras. Flui por florestas, nutre vales, é represada, cria energia elétrica, vai desaguar no mar.

Nesta imensidão, não há gota igual a gota; cada gotícula de um rio ou do oceano tem sua estrutura. Além da assombrosa criatividade, é diferente toda vez que fotografada, tem infindas faces apesar de similaridades. Pelas fotos, cientistas intuitivos descobriram que a beleza de cristais, com a nítida forma hexagonal de uma mandala, é o critério para sabermos se a água está pura. Quando contaminada, apresenta-se disforme nas fotos, feia, com a estrutura hexagonal corroída, ou nem sequer mostra início de cristalização. As fotos também revelam o esforço da água para se restaurar, a luta por recuperar sua estrutura hexagonal, para o que é constantemente ajudada por seres do mundo interno, por meio das ondinas, os elementais da água regidos por devas.

A água tem memória, armazena e transmite informações e é fisicamente alterada pela consciência. Em um átimo químico emocional, torna-se bela ou feia segundo o estado de espírito positivo ou negativo, seja de um indivíduo, seja de populações inteiras. O desenho de cristais de água é destruído ao captar medo, tristeza, agressividade ou pânico. No entanto, a mesma água torna-se um cristal radiante ao ser tocada por

sentimentos de gentileza, gratidão, alegria. Ativadas por vibrações amorosas, gotas reagem, espelham nossos sentimentos e pensamentos, encantam-se por palavras delicadas, por boa música e orações.

Grande servidora, a água absorve cargas magnéticas pesadas, eleva e equilibra o planeta e a humanidade, ajudando-nos a evoluir e a transmutar instintos animalescos. Transportada por tubos e canos, chega a nosso lar vinda de rios, de depósitos, carregada do desinfetante cloro. Pura nas nuvens, ao cair sob a forma de chuva se corrompe pelo ar poluído, penetra o solo, que a poderia filtrar, mas acaba por ser contaminada com produtos químicos lançados na terra, que carrega até fontes e veios subterrâneos. Florestas e matas ciliares protegem as nascentes e são responsáveis pela qualidade e disponibilidade da água, mas têm sido vertiginosamente desmatadas. A agropecuária, responsável por mais de 90% do consumo global de água, faz a escassez crescer enquanto a população humana aumenta.

A natureza agoniza e tenta alertar-nos. Nascentes secam, chuvas tornam-se ácidas, escassas ou excessivas, paisagens são devastadas.

Uma recente tragédia provocada pela voracidade da atividade mineradora derramou uma enxurrada de ondas de lama tóxica sobre um importante rio do país. Maior desastre socioambiental da história brasileira, 40 bilhões de litros de rejeitos de minério atingiram cenários

urbanos, mataram gente, plantas, peixes, ovos, insetos aquáticos, animais do próprio rio e da zona costeira, destruíram ecossistemas, contaminaram unidades de conservação. O assassinato avançou mar adentro. O oxigênio da água se extinguiu. Estéril, o rio parecia um gel. Foi cercado para não matar ainda mais animais terrestres em busca de água. Mas, e os sedentos bichos do ar que do alto enxergam a imensidão? Além disso, a catástrofe violentou o modo de vida de uma tribo indígena que vive à sua margem. Uma índia matriarca tivera um sonho premonitório 15 dias antes do desastre. O rio lhe dizia: *Não se aproxime de mim. Estou envenenado.*

A alegria de uma aldeia é o rio. O dia inteiro a vida dos índios gira em torno dele. Os homens pescam, as crianças brincam na água, as mulheres vão conversar no rio, enquanto lavam a bacia de roupa, de louça. Para eles, o rio é vivo como uma pessoa e a ele se referem como um ser sábio. O rio os cura, é sagrado. Nele, as crianças são batizadas.

Unidos à natureza, os índios subsistem do que o rio oferece, do que a floresta oferta, mas faltam-lhes espaços para viverem da mata. Não matam por matar, nem tiram por tirar, pois têm o coração aberto. Uma médica conta sua experiência de trabalho em uma tribo: *A água é cor de juba de leão, barrenta. Para os brancos, tomar banho ali é um desafio, o sabão não faz espuma, o fundo do rio é de lama e é preciso cuidado para não pisar nas arraias,*

escondidas por baixo. A gente sai do rio com um cheirinho peculiar, de água e barro...

A médica relata sobre o respeito mútuo reinante na tribo, como os índios vivem no silêncio, nenhuma mãe grita com o filho. Reverentes à terra, mão enlameada não é sinal de sujeira, mas de trabalho. As crianças participam de tudo, acompanham a família inteira na hora do plantio de mandioca, milho, palmito selvagem. Ela prossegue: *Agora compram coisas como macarrão, açúcar, refrigerante, chiclete, e as crianças ficam com os dentinhos cariados. Vão perdendo o conhecimento das plantas que mascavam. Intuitivos e reverentes, enquanto grupo étnico preservam a cultura em rituais, durante os quais, um cacique explicou, conseguem o conhecimento das plantas. Tomam chá de folhas de uma árvore, que altera o estado de consciência, e o espírito das plantas lhes conta qual o poder curador de cada uma. Como não têm livros, essa é a forma de ter acesso ao saber. Tentam manter vivos os atributos espirituais do povo originário, a essência e seu vínculo com águas, árvores, animais, Deus.*

Temos tantos livros, mas somos quase analfabetos na leitura da vida. Desconectado do sagrado, o povo sofrido adoece o planeta.

Por avenidas de uma metrópole, um chofer levava o diretor de certa poderosa empresa responsável por terríveis destruições ao construir hidrelétricas. Sentada a seu lado, uma fotógrafa apreciava nuvens passando entre prédios e árvores. Ela saiu do silêncio para comentar com o em-

presário: *As nuvens estão lindas, tão expressivas*. Ele, de cabeça baixa, lentamente comentou, como de dentro de um sonho: *Desde a adolescência eu não olho as nuvens*. E nem sequer conseguiu elevar os olhos para elas. Educado para conquistas materiais e para atender necessidades do sistema vigente, o bem empregado senhor conquistara um lugar no concorrido mercado de trabalho, recebia um bom salário, mas perdera algo sagrado, sua essência individual, o olhar para dentro de si, o olhar para a natureza.

Cenários de devastação avançam, e os reinos respondem. A Terra em lágrimas está ferida. Parte de sua população e notadamente os índios, os animais e a natureza clamam pelo cessar de tanto sofrimento, não aguentam mais as guerras, ser violentados, sacrificados.

Apesar de a agonia se ampliar, a maioria permanece cega. Submersa em ilusões, não enxerga sequer a beleza da natureza, nem erros e maldades cometidos contra ela. É hora de plantar árvore, não mais de cortá-las. É hora de viver a troca mútua com tudo, com todos: proteger, amparar, auxiliar, pois somos responsáveis pelo que deformamos. O amor é sem fronteiras. À distância, mesmo estando em outro continente, pessoas focadas no envio de amor, podem purificar águas.

Como tanto o planeta quanto nossos corpos são sobretudo compostos de água, a vida que escolhemos ter se reflete em cada gotícula de sangue e de água do corpo, neles criando padrões de

beleza ou fealdade, saúde ou doença. Para contribuir com a mudança planetária, estreitemos a comunhão com a grande obra, sentindo o divino em tudo que é criado, no Sol e nas galáxias, nas águas espalhadas pelo Universo e nas que nos banham.

Na hora do banho, podemos abrir o coração para conscientemente viver uma alquimia com a água. Podemos ao mesmo tempo curá-la e ser curados por ela. Ao nos elevar e nos sentir gratos, permitimos uma cura mútua. Em intimidade e alegria, ela nos renova e revitaliza, limpa o corpo físico e purifica o etérico. Como sua estrutura responde a vibrações sutis de afeto e delicadeza, os índios embelezam cristais de água naturalmente. Façamos o mesmo. Cada banho é uma oportunidade única de estabelecer relação com aquela porção de água que nos toca. Seguramente, a mesma água jamais nos tocará duas vezes.

Há um mistério, o maior deles, guardado em todas as partículas. Quando a água e o sangue do Amor Supremo, que nos compreende e perdoa, pingaram e jorraram sobre a crosta do mundo, Seu amor se fundiu a cada átomo marítimo e terrestre. E Cristo passou a viver em tudo, em todos. Ainda assim, dois mil anos depois tateamos, incertos. Acreditemos, Seu poder age através de nós para transformar a vida de cada planta e flor, de cada animalzinho, de cada gotícula. Temos o poder do amor.

Fale Comigo

Havia ainda algo no ar a ser narrado. No percurso do livro, pedi que a vida me apontasse sobre o que escrever. A surpreendente história chegou na hora da Misericórdia, às 15 horas, por meio de uma jovem senhora com vestido azul celeste, que eu conhecera no dia anterior. Assentamo-nos na varanda de uma chácara abraçada por árvores nativas, e ela passou a relatar, com alegria e espontaneidade, o passo a passo de seu despertar para a vida interna.

Ao escutar palestras de instrutores espirituais, ela pensava: *Será que eu posso falar com Cristo?* Cheia de esperança, dispôs-se a tentar e toda noite usava a imaginação de forma produtiva: visualizava Cristo com uma túnica branca, uma faixa azul na cintura, maravilhoso. Contava-Lhe suas histórias: *Hoje eu pisei na bola, perdoe-me, errei, fui muito egoísta.* Noite após noite, falava-Lhe como uma criança conta o dia para a mãe antes de dormir. Até ficar insegura, descrente: *Por que estou fazendo isso? É coisa da minha cabeça! Estou louca, imagine se Cristo vai falar comigo.* Neste

estado vacilante, foi fazer sua meditação diária na manhã seguinte e, ao entrar em contato com seu mestre interno, disse-lhe que iria parar de falar com Cristo: *Quem sou eu?* Então ouviu-o assegurar-lhe: *Pode continuar. Fale toda noite, Ele a está ouvindo. Continue, e um dia Ele falará com você.* Ela obedeceu, perseverou. Talvez falasse após ela desencarnar...

Naquela época, ela já construíra dentro do coração o lugar sagrado em que além dela própria ninguém mais entra. O processo se iniciara há anos quando, nas meditações matinais, imaginava-se dentro de um templo com muita luz, sem altar. Ali contatou seu mestre interno, descobriu a paz, a segurança, o acolhimento, até avaliar: *Está tudo bem na minha casa, uma beleza, mas como funciona isso na vida prática?* A resposta não tardou.

Dirigia por uma avenida e não sabe como aconteceu. Atropelou uma moto, e o motorista foi atirado longe. A polícia rodoviária viu. Lembrou-se, estava sem o documento do automóvel. Assustadíssima, estacionou o carro e pôs-se em pranto, sentindo-se desesperada. Com a sensação de vítima, chorava sem saber como resolver aquilo sozinha. Súbito, escutou uma voz: *Entre no templo interno! Agora*. Em questão de segundo parou o choro: *Entrei no templo interno e parecia outra pessoa. Dirigi-me ao motoqueiro: O que aconteceu? Conversei com os guardas, resolvendo tudo na maior tranquilidade.* Contudo, refletia: *Puxa vida, tinha de ser uma experiência pesada assim? Bem, foi meu*

aprendizado para estar no templo interno no dia a dia.

Da Lua nova à minguante, persistia com as orações, as meditações e conversas noturnas com Cristo. Construía essa relação interna até participar de uma bênção grupal em frente a uma pintura do Cristo Misericordioso. No dia seguinte, encontrou esse quadro no seu templo interno. Admirou-se: *O que Você está fazendo aqui? Como entrou?* Tempos antes, ficara surpresa por também ali ingressar uma imagem de Maria, após ela assistir a Sua aparição para dois videntes. Daí em diante, todas as manhãs lá estavam a imagem d'Ele e a de Maria: *Descobri, são os únicos autorizados a penetrar ali.*

Houve um momento em que estava abalada por um problema em família, relativo a herança, pois por lei teria de cumprir algo sério determinado pela juíza. Uma amiga recomendou-lhe falar sobre a situação com Cristo. Invocava Sua ajuda quando Ele falou pela primeira vez com ela. Foi o momento decisivo! Sua vida se pauta pelo antes e pelo depois de Cristo lhe responder. Profundamente tocada, soluçava enquanto O ouvia afirmar: *A partir de agora, Eu vou resolver sua vida.* Naquele instante, ela passou a Lhe entregar, uma a uma, cada pessoa que a ameaçava. No final, Ele ainda lhe perguntou: *Agora, você quer entregar-Me sua vida?* Ela: *Entrego, entrego, entrego!* Respondeu sem nem raciocinar.

Com o passar dos dias, a ansiedade e a dúvida retornaram, até... o confronto final. No momen-

to marcado, ela fez uma oração e, tensa, aguardava em sua casa, junto à advogada. Tão logo o representante do grupo familiar chegou, afirmou que nem ele, nem os outros opositores nada mais queriam, nem exigiriam. A advogada e ela, boquiabertas, mal acreditavam. Aquilo parecera não ter saída... *É o Cristo*, pensava, atenta ao fato de aquele que nunca gostara dela estar agora, de coração manso, a agradecer-lhe repetidas vezes, afirmando ter ela colaborado para ele se tornar um homem! Ela chorou. Assim foi. O impossível se diluíra. Soube: Cristo solucionou o insolúvel.

A partir daí, Cristo prossegue orientando-a: *Fale Comigo, mesmo se Eu não lhe responder, fale Comigo. Eu a estou ouvindo. Fale qualquer coisa, mas fale Comigo.* Sem saber sobre o que falar, explicava o que via ao caminhar, o que cozinharia e, depois, achava aquilo tolice. Pedia perdão pelo que já tinha feito e até pelo que não tinha feito. Por vezes, Ele respondia. Certos dias, ela ficava triste ou com raiva, e Ele: *Esqueça, entregue isso para Mim. Fique Comigo e tenha só alegria em seu coração. Essas coisas a afastam de Mim.* Um dia Ele lhe perguntou: *Deixe-Me cuidar de você?* Ela: *Claro que sim, mas não sei o que fazer...* Ele: *Não tem importância, entregue-Me tudo.*

O relacionamento crescia, mas descobriu não ser tão fácil estar com Cristo, não por Ele, mas por si mesma, pela dificuldade de Lhe entregar a própria vida. Por isso, precisa confirmar o *sim* várias vezes, pois é instável, não consegue entre-

gar-Lhe totalmente a guia e o comando de sua existência. Em conversas noturnas, Ele a acalma: *Não se preocupe, vá se entregando.* Transmite-lhe instruções, por vezes visões ou mesmo antecipa ensinamentos que dias depois ela ouve de outros instrutores espirituais, uma confirmação para sossegá-la, pois sempre existe a dúvida, sempre a inquietação. E ela aprende, devagarinho.

Em dado momento, Cristo perguntou-lhe se aceitaria fazer uma tarefa, a tarefa de levar almas para Ele. Sem pensar, respondeu: *Sim. Sim. Sim!* Depois se censurou por aceitar. Pensava: *E se for difícil? Não tenho condição, não estou capacitada. Como fazer?* Em um supermercado, ao passar por uma operadora de caixa que, sem conhecê-la, relatou-lhe um problemão, orientou-a: *Minha filha, você acredita em Cristo?* A atendente: *Acredito.* Ela: *Então faça uma oração e peça-Lhe tudo. Ele resolve. Eu tive um problema sem saída, e Ele resolveu tudo, está resolvendo minha vida. Eu garanto! Fique quietinha. Pegue, se quiser, uma imagem d'Ele. Conecte-se com Ele e peça-Lhe com fé. Abra o coração. Ele a ajudará.* Naquele momento, entendeu o significado de levar almas para Ele.

Durante a conversa daquela noite, ria e brincava, pois se via como um cão pastor buscando ovelhas distantes do rebanho: *Olhe só a situação em que Você me pôs, agora sou um cão pastor! Oh, desculpe, eu falo muita tolice!* Ele sorriu: *Isso não é tolice. Isso faz com que fique em conexão Comigo. Essa é a sua criança livre. É isso que Eu quero. Vá ensinando*

às pessoas. Elas na verdade são assim, não aquilo que pensam ser.

Intrigada, quis saber: *Por que Você me escolheu? Não sou obediente, sou uma chata, só falo insignificâncias e nem sou de confiança...* Ele, sorrindo: *É assim que Eu quero, pois você está ligada a Mim. Porque isso é você. Não há juiz aqui, não faço julgamento, nem Meu Pai faz, só você. Você é o único juiz, então pare de se julgar porque, se continuar, irá julgar seus irmãos também.*

Aos poucos, conforme Ele lhe pede, ela vai trazendo amor para o mundo, para as pessoas. Uma amiga ficou paralítica devido a um câncer terminal. Muito triste, ela perguntou a Cristo o que fazer. Ele: *Traga-a para Mim.* Foi ao hospital e, com cuidado, perguntou à amiga se aceitaria fazer um trabalho de conexão com Cristo. A questão do livre-arbítrio é muito séria, nem Ele pode transgredir essa Lei. A amiga logo aceitou. Deixou-lhe um orândio e uma imagem do Cristo Misericordioso, orientando-a como falar com Ele segundo o que já vivenciara: *Feche os olhos, traga a imagem do Cristo Misericordioso, sinta-O acolhê-la.* A amiga sentiu-O e, naquela noite, sonhou com Cristo chamando-a: *Venha!*

Durante o câncer do marido, a senhora do vestido azul celeste fora treinada a compreender doentes terminais. Em certo momento ele parou de falar. Ela orava em voz alta a seu lado e, caso ele dormisse, ainda prosseguia orando, pois o inconsciente recebia as preces. Em grande sofrimento pelo esposo, fechava-se no quarto para

chorar longe dele. Pedia força e coragem para suportar a dor, quando ouviu: *Você diz que acredita em vida após a morte. Chegou a hora de viver o que crê.* De imediato, uma chave virou, um universo se abriu. Sentia o fortíssimo apoio espiritual recebido, aprendeu a controlar o sentimento, a ver a doença de maneira mais impessoal. Percebia o marido mudando de estado, sua forma se diluindo. Passou a tratá-lo com métodos alternativos, mais suaves. Caso alguém oferecesse ajuda, só pedia: *Faça uma oração, por favor.* Após o último suspiro, ficou em paz. Claro, triste, pois é um ser humano, mas aprendeu a lidar com quem está a desencarnar, o que poucos sabem fazer.

Houve também o dia em que fez uma pesquisa na internet sobre os pecados capitais e descobriu-se vaidosa. Sabe que vaidade não é apenas se enfeitar, usar brinco, colar. Há ainda quem tem esse tipo de vaidade e precisa se corrigir, mas não é o caso dela. À noite, disse a Cristo: *Tenho de confessar-Lhe, estou muito triste porque me descobri com vaidade.* Ele: *O importante é ter percebido e mudar o padrão. Observe onde a vaidade aparece e corte-a.* Atenta, ela rápido detecta: *Ah, aqui está a danada. E corta!*

Ele lhe dá instruções precisas e pontuais. Com absoluto amor e sabedoria, treina-a a usar corretamente o livre-arbítrio, o que não é fácil, pois a mente quer fazer tudo do próprio jeito...

Um dos treinamentos durou sete dias, quando aprendeu a discernir as energias positivas das

negativas. Primeiro instruiu-a a não guardar nenhuma imagem mental d´Ele, apenas anotar a data e tudo o que sentisse a cada novo encontro daquela semana. Depois do jantar, ela se assentava, orava e O percebia chegar. Em uma noite sentia paz, noutra, alegria, grande amor em mais outra. Até, em um momento assustador, sentir muito medo, percebia algo pesado ali, não a energia de Cristo. Ordenou: *Xô, vá embora, não o quero aqui*. Clamou para Cristo vir socorrê-la. Aquilo foi retirado, e Ele aproximou-se: *Precisa aprender a sentir o que é Minha energia e o que não é, o que sou Eu e o que não sou Eu. Se ficar presa à minha imagem, poderá confundir-se; por isso digo para não se ater à imagem*. Ela pediu-Lhe para impedir tais aproximações horripilantes, com o que Ele concordou, pois de imediato aprendera a lição. Desde então, quando Ele chega, ela faz certificações para não ser enganada pela própria mente ou por alguma energia externa.

De outra vez, ofertou-se para trabalhar com Ele durante o sono. A princípio, acordava exausta e foi advertida: *Você está com o coração fechado*. Desde então, ao despertar sentindo-se leve, percebe ter conseguido abrir o coração antes de adormecer. Também soube quanto as coisas estão muito piores do lado de lá do planeta que aqui. O trabalho com as almas é muito difícil, pois falta fé, estão sem esperança.

A conversa entre os dois é tão simples e direta que, de vez em quando, cansada demais, avisa-

-Lhe não conseguir conversar antes de dormir. Ele sempre afirma: *Não importa o que você foi, nem quantos pecados cometeu. Limpe a culpa e Me siga. Procure desempenhar as tarefas que lhe peço, nunca lhe pedirei o que não possa fazer.* Ela foi aprendendo a soltar o passado, ficar no aqui, no agora, porque Ele está aqui e agora.

Uma vez, conversavam: *Que especial ter este contato*. Ele: *Você foi muito próxima de mim, mas teve muitas vidas de desvario. Nunca vou deixá-la, mas digo-lhe: fale Comigo a qualquer hora do dia. Fale Comigo sobre qualquer coisa. Se puder trazer almas para mim, melhor. Nunca pense que está sozinha. Você não tem noção da multidão que a acompanha.*

Antes não acreditava, nem aceitava que nada somos. Agora declara: *Descobri que nós, como raça, nunca fomos nada, sempre recebemos ajuda do Alto, especialmente dos Irmãos Maiores, que vêm da Fonte, de Deus. Infelizmente, sempre quisemos o poder, dominar o outro, tirar vantagem, guerrear. Isso está em nós. O que este planeta teve de bom foi graças a outras consciências com formas pacíficas de ver a vida, respeitando as leis maiores. Enquanto convivo com Cristo, percebo outra ilusão: acho que vou para onde quero ir e, só depois, me dou conta de estar ali para fazer alguma tarefa. Agora começo a entender, vou onde "é" preciso ir. Sempre bem humorada, pois é uma diversão e, se Cristo está comigo, ótimo. Observo e faço o que for preciso fazer, acerto o que for preciso acertar.*

Sua vida se enriqueceu de forma extraordinária. Jamais voltou a ser a mesma. Este amor forte,

poderoso e único a transformou em outra pessoa. A conexão com Cristo a retira da vida comum, mesmo estando nela: *Nunca pensei ter um instrutor tão fantástico, treina-me nos mínimos detalhes.* Sempre achara Cristo inalcançável, mas completa: *Ele é real, é nosso companheiro, é meu amado, é minha mãe, meu pai, meu irmão, meu tudo. Não tenho vergonha de falar que sou devota de Cristo, que sou fã d´Ele.*

Tomada e preenchida pelo fogo do amor divino, descobriu que nunca amara ninguém como O ama e, pela primeira vez, sente-se verdadeiramente amada e Lhe suplica que a ajude a nunca se afastar d´Ele. Nada mais importa a não ser isso, isso que nem sabe descrever.

A chama desse amor verdadeiro a queima por onde vai. Aprende a amar e Lhe agradece, agradece. Engasgada, com lágrimas gratas a marejar os olhos, conta o que, acima de tudo, o Mestre deseja: *Quero que dê a seus irmãos o mesmo amor que sente por Mim. Todos podem ter instrução direta e contato Comigo. Isso é para todos. Basta dizer Sim. É simples, basta cada qual ser o que é, ser a criança escondida em cada um.* Ela derrama a boa-nova para quem quiser ouvi-la: *Não se sintam intimidados, Cristo está aqui. É uma felicidade viver em Cristo, estar em Cristo o tempo todo. Não é nada estratosférico, do outro mundo. Ele nos acompanha, nos dá a mão e só pede: fale Comigo! Cada um de seu jeito. Acredite, Ele está com você.*

De forma simples, com frescor e vivacidade, a senhora do vestido azul celeste me transmi-

tia mistérios profundos ao mesmo tempo que eu, ouvindo aquela linguagem do coração, atravessava sensações de maravilhamento, assombro, esperança. Seus olhos ora se voltavam para o alto, ora marejavam ao falar de milagres. Tudo – um ser humano, uma ave, uma árvore, um cristal – é tão desconhecido! Anoitecia quando ela se foi. Uma grande estrela cintilava no lusco-fusco.

Milhões e milhões de anos atrás, a primeira flor abriu-se na Terra coberta pela vegetação. Foi a precursora, a que indicou o caminho para todas as outras flores, esses belos entes perfumados, delicados, coloridos, que nos elevam ao caminho da contemplação. Répteis rastejavam pelo solo, mas alguns criaram penas e asas para voar nos céus, como aves. Uma rocha, ao se tornar um cristal transparente à luz, ouro ou pedra preciosa, nos ilumina através do reino mineral. Aves, flores e cristais nos fascinam, são a mais elevada e sagrada expressão do reino ao qual pertencem e, também, simbolizam nossa essência ou alma. Um dia, suas histórias mudaram de condição, quando formas inauditas explodiram em silêncio, belas e sutilizadas.

Assim como a primeira ave, a primeira flor e o primeiro cristal, durante a evolução da nossa espécie nasceu um primeiro ser humano precioso, iluminado. Trouxe para a vida material a pureza, a doçura e a delicadeza do espírito que nele habitava. Abriu caminhos para outros, raros, nascerem em diferentes continentes. Essas joias

da humanidade elevam a voltagem de energia, atraem uma nova Terra, sem conflitos nem desarmonia, curam e liberam pessoas da ilusão e de laços com a matéria.

Buda, Jesus, Maria e outros são as rosas da nossa espécie. Hoje, novas e viçosas flores do gênero humano estão a despertar. Desabrocham como flores silvestres, orquídeas. Mais sutis, amplos e conectados, esses seres exprimem a nova consciência que transformará o globo em um planeta sagrado. Como a senhora do vestido azul celeste, todos estão sendo chamados a dar o passo para a luz, ser flor, ser cristal, ser ave luminosa dos novos tempos.

Terapêuticas para a
REGENERAÇAO CELULAR

Dr. José Maria Campos (Clemente)

240 páginas | 26x 23 cm

A verdadeira cura se faz no interior do ser,
e a partir dali pode expressar-se
em todo o seu organismo e na vida externa.

Não necessariamente requer meios concretos para
realizar-se, mas sem dúvida pode ser facilitada por eles.

Esses meios, porém, serão meros paliativos se
a consciência não se dispuser à transformação.

VIVER O AMOR AOS CÃES

Ana Regina Nogueira

224 PÁGINAS | 20,5 x 22 CM

A autora estreou na literatura em 2014 com o livro *Viver o Amor aos Cães*, em segunda edição atualizada. Em linguagem poética, a obra narra a experiência pioneira de um grupo de voluntários que desde 2011 transformou um ex-matadouro de bovinos, suínos e cães, localizado em Lavras, Minas Gerais, no amoroso e florido centro de resgate Parque Francisco de Assis, por onde já passaram milhares de cães abandonados. Referência internacional em proteção de animais e gestão sustentável, o canil recebe centenas de visitantes brasileiros e estrangeiros. Com belas fotografias, o livro surpreende pela profundidade e beleza. Também oferece chaves de como homens se curam enquanto curam animais.

www.irdin.org.br

Impresso na Artes Gráficas Formato Ltda.,
em sistema *offset*, papel pólen soft 80g/m^2
Fontes Adriane Text (textos) e Pétala Pro (títulos),
ambas gentilmente cedidas pelo autor, Marconi Lima.
IMPRESSO NO BRASIL

O tema do livro é o amor à Criação. Relatos extraordinários englobam realidades e mistérios, cósmicos e cotidianos, ocorridos em paisagens urbanas e rurais de nove estados brasileiros.

A obra é fluida, poética, de leitura cativante e ao mesmo tempo muito forte e profunda. Por ser escrita com o coração, sua mensagem fala de perto à alma. Ana Regina consegue dizer duras verdades com a linguagem do amor, em frases cantantes, com ritmo próprio, precisão e firmeza.

Esta bela narrativa, em sua despretensão, também está a serviço fraterno dos Reinos da Natureza. Expressa a constante comunhão entre o mundo material e o imaterial. Mostra como tudo que existe interage entre si e faz parte de uma única Obra. Investiga estados de alma e propósitos ocultos de gente, bichos, plantas e pedras.

Sua leitura é instrutiva, pois o ser humano age como se nunca ninguém lhe tivesse dito aquilo que a autora diz bem alto!

IRDIN EDITORA
www.irdin.org.br

ISBN 978-85-60835-84-3
9 788560 835843